LIVRAMENTO,



AQUI TEM HISTÓRIA!

“Livramento, aqui tem história”

Apresentação

Como toda forma de cultura merece ser preservada, esse livro nasceu com o objetivo de guardar na escrita as histórias e fatos contados e recontados pelo povo de Livramento de geração em geração. O nosso povo se delicia em rodas de conversa seja na cozinha de casa à beira do fogão de lenha, seja ao redor de uma fogueira, ou no círculo que se forma na calçada de alguém que sabe narrar boas histórias, essa prática concretizou o costume de contar e ouvir histórias, o qual tem se perpetuado ao longo de muitos anos.

O livro *Livramento, aqui tem história*, não pretende proporcionar a você leitor momentos de reflexão da realidade, mas uma oportunidade de entrar em contato com as raízes da nossa cultura que se revela através das histórias de Trancoso, os contos populares e contos de animais, que são contados com um tom mágico vindo das vozes rasteiras e regionais de um povo mais que nordestino, cariri zeiro ocidental. Tentamos ao máximo preservar a originalidade das falas dos contadores de histórias, os quais tão gentilmente abriram para nós o seu baú de histórias antigas, e com um brilho de orgulho no olhar se empolgavam na tarefa de narrar fatos curiosos, cômicos, de natureza duvidosa ou não, e na verdade a veracidade dessas histórias é o que menos importa.

A produção desse trabalho é também resultado de um projeto do Ministério da Cultura chamado Mais Cultura, foi daí que recebemos todo patrocínio para concretizarmos esse sonho. Para montar esse acervo de histórias houve o envolvimento de jovens que atuam na comunidade como agentes de leitura do Projeto Arca das Letras e outros que são apenas estudantes, porém também parceiros da ideia de incentivar a leitura pelo simples prazer de ler e se sentir parte da história.

Assim, acreditamos que tanto quem participou ativamente desse projeto como quem irá participar por muitas gerações através da leitura do livro se sentirá parte dessas páginas, pois se você é Livramentense essas histórias também lhe pertencem.

A coordenação do projeto: A literatura resgatando a cultura local.

Índice

A botija 9
A botija II 10
A casa da velha Chica 11
A casa mal assombrada 12
A ceroula 13
A chegada de Lampião com os cangaceiros 14
A desgraça acompanhada da sorte 15
A fome e a morte 17
A força da lei 18
Agressão e morte 20
A Iara 21
A intriga do macaco com a onça (parte I) 22
A intriga do macaco com a onça (parte II) 24
A morte ninguém engana 26
A mulher desconhecida 27
A noiva que se engasgou com a moela 28
Antônio Silvino 29
A onça o bodinho 30
A origem das botijas 31
A paixão e a decepção 32
A preguiça e a mentira 33
A raposa e o urubu 34
A rede e os anõezinhos 35
As astúcias de Pedro Malazarte 44
A semelhança do papo 36
As luzes da pedra branca 45
As tochas 46
A trajetória de São Pedro e Jesus 38
A velhinha que queria casar 41
A vida do cangaceiro Antônio Silvino 42
Bruxa malvada 47
Camões e o rei (parte I) 48
Camões e o rei (parte II) 50
Camões e o rei (parte III) 51
Camões e o rei (parte IV) 52

Causo Verídico: a assombração perseguidora 53
Como caçar uma onça 55
Companheiro do meu pai 56
Confissão 57
Frei Damião disfarçado, procurando saber como é a vida do pobre e do rico. 58
João defunto 60
Nosso Senhor 62
O apostador 63
O bêbado 64
O Benedito com a besta ao contrário 65
O bode 66
O cão da garrafa 67
O cara assobiador 70
O cavaleiro 71
O cego ciumento 72
O diabo da besta fera 75
O dia da sentença 73
O galho de árvore 77
O grito 78
O herói 79
O homem do saco 81
O homem e as cruzes 82
O homem que enganou o diabo 84
O homem que trocava o dia pela noite 85
Oito ou nove 86
O ladrão 87
O negro que andava com Nosso Senhor (parte I) 88
O negro que andava com Nosso Senhor (parte II) 91
O Padre caminhante 94
O papa-figo 96
O rei e o seu empregado 97
O rei que tinha uma filha sabida 98
Os caçadores 101
Os periquitos na missa 102
O valentão 100

Pecado rasgado 103
Pedro, um discípulo reclamão 104
Pelé e Florzinha 105
Tatu peixe 106
Um cachorro com os olhos de fogo 108
Um contador de anedota 109
Um mendigo pedindo esmolas 111
Um suicídio bem divertido 107
Vivo ou morto 113

A botija

Era uma vez um homem muito preguiçoso que não gostava de trabalhar, ele era casado, mas nem casa para morar tinha. Morava dentro de umas locas de pedra, sua mulher sempre dizia:

— Vai Trabalhar homem!

E ele Respondia:

— Se eu tiver de arrumar alguma coisa e arrumo aqui mesmo.

E um dia um de seus vizinhos sonhou com uma alma entregando uma botija. Logo ele convidou o preguiçoso para ir com ele arrancar o tesouro.

Quando terminaram o serviço viram que o pote estava cheio de maribondos e ficaram muito tristes com o resultado.

Então o vizinho saiu com o pote na cabeça e o preguiçoso ia só de companhia para a loca de pedra onde o preguiçoso morava. Ao chegarem o preguiçoso foi logo se deitando na rede, mas claro, com muita tristeza, o amigo então pensou que foi amaldiçoado por ter ido arrancar a botija com aquele homem tão preguiçoso e por isso todo ouro tinha se transformado em maribondo. Com muita raiva o vizinho jogou o pote de maribondo dentro da rede do preguiçoso para matá-lo e correu, o preguiçoso desmaiou, quando acordou a rede estava cheia de ouro, cheio de surpresa ele chamou a mulher e disse:

—Tá vendo mulher eu não ti disse que o que eu tivesse de arrumar vinha para minhas mãos aqui mesmo!

Então comprou uma casa para sua mulher, mobilhou e ficaram ricos.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

A botija II

Em certa fazenda e em certo dia apareceu na porta da casa grande um homem, pedindo dormida. Todos que chegavam lá para pedir dormida, o fazendeiro sempre explicava que todos que pediam para dormir lá no armazém não tinham coragem de passar a noite, porque lá tinha assombração, mas o homem falou:

— Não me importo com essa história de assombração, me empreste a sua chave para eu dormir lá essa noite.

O fazendeiro entregou a chave, quando o homem tava deitado lá no armazém, veio uma alma lá de cima e disse:

— Eu caio

O homem falou:

— Pode cair.

Então desceu uma perna, depois a outra. Quando a assombração caiu, amarrou o homem, que disse:

— Me solte!

— Só quando arrancar uma botija.

— E onde está essa botija?

— Está logo ali...

O homem foi e arrancou o tesouro. Passaram-se as horas e quando foi dez horas da manhã e o fazendeiro falou:

— Mulher o homem já foi embora?

Quando o homem escutou levantou-se e foi até a casa do fazendeiro, lá entregou todo o ouro e a chave do armazém e disse que não queria nada, nem um centavo, sem mais demora saiu e foi embora. O fazendeiro ficou com todo o ouro e ninguém ficou sabendo o que ele fez com todo aquele ouro, na botija tinha muita prata, ouro e jóias.

Essa história foi contada por Damião Moreira.

A casa da velha Chica

Antônio Silvino e os seus cangaceiros chegaram com fome na casa da velha Chica. Pediu que velhinha matasse uma criação de galinha para eles. A velha ficou muito aperreada, porque não tinha farinha e nem tempero. Antônio Silvino perguntou:

- Dona Chica aqui tem um bodegueiro por perto?

Ela respondeu:

— Tem um rapaz chamado Cláudio que tem uma bodega.

Ele foi e disse para a filha de dona Chica:

— Vá e fale para comprar fiado.

A moça foi e ele não vendeu. O Antônio Silvino escreveu um bilhete para o bodegueiro, em seguida mandou a moça entregar o bilhete e como meio de transporte ela usou um jumento com cangalha para trazer a feira. A feira era 20 Kg de farinha, 20 Kg de charque, tudo era de muito, ela entregou o bilhete ao bodegueiro, quando ele viu a assinatura do chefe do cangaço começou a ficar roxo, as pernas começaram a tremer, então ele mandou a feira completa pela moça.

Mais tarde o Antônio Silvino foi na bodega do Cláudio acertar o pagamento, mas o pagamento teria de ser feito pra o bodegueiro casar com a filha da velha Chica, porque ele era muito rico e a moça pobre. Então ele com medo do cangaceiro achou melhor obedecer às ordens de Silvino e logo marcou o casamento pra quinze dias.

Quando foi no dia do casamento o chefe do cangaço veio pra festa do casamento de Claudio e a filha da dona Chica. Passados mais quinze dias Antônio Silvino veio visitar o casal e aproveitou para deixar esclarecido para Claudio que viria de vez em quando visitar o casal, para conferir se tudo ai bem dentro dos conformes.

Essa história foi contada por João Profiro.

A casa mal assombrada

Havia uma casa no sítio Arius II onde apareciam assombrações. Certa noite eu estava dormido e acordei quando fazia mais ou menos uns 10 minutos que eu havia cochilado escutei a panela cair fiquei bem quietinha na minha rede com os olhos fechados e pensei a menina vai acordar, mas que nada comecei a me arrepiar e ficar querendo tremer.

Quando o galo começou a cantar eu ainda estava acordada, o dia clareou, me levantei primeiro que os donos da casa para apanhar a panela, mas a mesma não havia caído fiquei cabreira com aquilo, mas não disse nada a ninguém.

A noite chegava e fiquei pensado o que iria acontecer quando chegasse a hora de ir dormir novamente e por sorte minha, nada aconteceu nessa noite.

No outro dia perguntei a dona da casa se ela havia ouvido a panela cair, ela então respondeu:

— Ah já escutei panela bater, terra cair na cama, alguém varrendo a casa, e no outro dia quando eu ia ver nada havia acontecido, estava tudo no mesmo lugar, já escutei menino chorar e já vi até uma menininha de branco rodeando a casa. No dia seguinte perguntei para a vizinha que morava na frente se ela tinha visto isso e me respondeu que não, mas sabia o porquê de tudo isso: era pelo fato de que uma menina tinha morrido naquela casa e a mãe prometeu de fazer uma capela e não fez, por isso mesmo que a casa era assim.

Passou-se algum tempo derrubaram a casa e construíram a capela e nunca mais foi visto nada por ali.

Essa história foi contada por Luis Carlos de Gouveia

A ceroula

Era uma vez um matuto que nunca tinha usado uma ceroula. A mãe dele comprou um pedaço de pano pra fazer uma ceroula pra ele. Quando ela fez ele ficou muito contente e satisfeito, pensou logo em ir mostrar a grande novidade para sua noiva.

Saiu de casa ainda de madrugada pra casa dela, pois o caminho era um pouco longo e ele queria chegar cedinho lá. Mas como não tinha costume de usar ceroulas ele se esqueceu de vestir.

Ao chegar a casa dela chamou sua noiva, desceu as calças dizendo:

— Olha o que mamãe fez pra mim, que coisa mais linda! E lá em casa ainda ficou mais de metro!

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa.

A chegada de Lampião com os cangaceiros

Lampião chegou no sitio Bom Nome município de Livramento, na casa de José Belo pai de Inácio Limeira, na casa estava a esposa Inácia Januário do Espírito Santo, quando ela viu era o Lampião, ela começou a tremer. Lampião disse:

— Dona Inácia não fique com medo eu só ataco gente rica, eu só quero que você mate duas galinhas pra eu comer com os meus cangaceiros que eu pago.

Ela foi lá no chiqueiro pegou duas galinhas. Lampião disse:

— Pegue do terreiro mesmo, dona!

Mas ela pegou do chiqueiro. Quando aprontou o almoço ela foi e chamou Lampião e os seus cangaceiros para almoçar, porque a comida já estava na mesa, eles foram almoçar, quando terminaram, Lampião disse:

— Quanto é o almoço dona?

Ela respondeu:

— Não é nada não!

Ele foi enfiou as duas mãos dentro do saco e tirou um punhado de prata e colocou no meio da mesa. Lampião disse:

— Você não quer cobrar o almoço? Mas aqui tá estas pratas para cobrar as galinhas, o valor era de 400 cruzados, que dava para comprar 6 ou 8 galinhas.

Essa história foi contada por Inácio Limeira.

A desgraça acompanhada da sorte

Certa vez um homem que ia passando com uma penca de bananas em frente a casa de uma mulher que estava grávida, a mulher desejou comer aquelas bananas, mas acabou perdendo o bebe porque o homem não sabia que ela tinha sentido esse desejo.

Então quando o marido dela chegou em casa e soube do fato ficou furioso e disse:

— Eu vou dar parte de você na delegacia!

O homem disse:

— Vá, vá, dê, dê... Pode ir!

E foi embora. Lá na frente tinha dois vaqueiros tentando tirar um cavalo de um poço de lama, o homem com a boa intenção de ajudá-los pegou no rabo do cavalo e puxou, resultado: arrancou o rabo do animal. O dono do cavalo disse:

— Eu vou dar parte de você!

Ele respondeu:

— Vá, vá, dê, dê... Pode ir! Entre na fila, pois aí atrás já vem um para fazer o mesmo.

Lá na frente ele pensou:

— Já estou desgraçado mesmo vou subir naquela igreja ali e vou pular de lá de cima.

Assim fez. Quando caiu, caiu em cima de um velho que ia passando embaixo, o velho morreu e ele não teve nada, nem um arranhão. Vinha atrás do velho o filho dele que disse:

— Vou dar parte de você seu assassino!

O homem disse:

— Vá, vá, dê, dê... Pode ir! Entre na fila, pois aí atrás já vem dois para fazer o mesmo.

Todos deram parte dele na delegacia. O delegado chamou-o e perguntou:

— O que você tem a dizer, homem?

Ele respondeu:

— Seu delegado, eu não sabia que a mulher queria banana, nem tão pouco que o rabo do cavalo era tão fraco e nem que aquele senhor tinha tão pouca sorte!

O delegado disse:

— Então como pena você vai levar a mulher com você e só vai trazê-la de volta quando ela tiver neném de novo. Leve o cavalo também até ele criar outro rabo. E para vingar a morte do velhinho eu ordeno que o filho dele suba lá na igreja e pule nas suas costas.

Mas o órfão do velhinho não quis pular do alto da Igreja (achou que estaria arriscando a própria vida para vingar a morte de seu pai), então deixou pra lá.

Para cumprimento da pena assim o homem levou a mulher o cavalo caminho a fora e até hoje não devolveu.

Essa historia foi contada por Solon Guilherme Barbosa.

A fome e a morte

Em certo dia, Antônio Silvino com os seus cangaceiros chegaram na casa de uma velhinha e pediram para ela preparar uma comida porque ele e seus companheiros estavam com muita fome. E a velhinha, com medo de Silvino preparou logo a comida.

Quando começaram a comer, um de seus cangaceiros reclamou da comida dizendo que a comida estava sem sal, pois a velhinha com muito medo deles esqueceu de colocar o sal na comida.

Antônio Silvino e os outros cangaceiros comeram a comida, quando terminaram Antônio perguntou a velhinha se ainda tinha sal em casa. Ela tremendo de medo respondeu que tinha e perguntou quantos quilos ia querer. Ele pediu para ela trazer um quilo, chamou o cangaceiro que reclamou da comida e fez ele comer dizendo:

— Coma desgraçado este sal e você nunca mais vai reclamar de comida insossa.

Silvino fez ele comer todo aquele sal, e quando terminou de comer seu corpo começou a inchar, inchou tanto que ele não conseguiu sobreviver e morreu.

História contada pelos os alunos do programa Brasil Alfabetizado do sitio Torrões: Ivo Pedro de Lima, Inácia Alves do Nascimento, Manoel José Profiro.

O delegado disse:

— Então como pena você vai levar a mulher com você e só vai trazê-la de volta quando ela tiver neném de novo. Leve o cavalo também até ele criar outro rabo. E para vingar a morte do velhinho eu ordeno que o filho dele suba lá na igreja e pule nas suas costas.

Mas o órfão do velhinho não quis pular do alto da Igreja (achou que estaria arriscando a própria vida para vingar a morte de seu pai), então deixou pra lá.

Para cumprimento da pena assim o homem levou a mulher o cavalo caminho a fora e até hoje não devolveu.

Essa historia foi contada por Solon Guilherme Barbosa.

A fome e a morte

Em certo dia, Antônio Silvino com os seus cangaceiros chegaram na casa de uma velhinha e pediram para ela preparar uma comida porque ele e seus companheiros estavam com muita fome. E a velhinha, com medo de Silvino preparou logo a comida.

Quando começaram a comer, um de seus cangaceiros reclamou da comida dizendo que a comida estava sem sal, pois a velhinha com muito medo deles esqueceu de colocar o sal na comida.

Antônio Silvino e os outros cangaceiros comeram a comida, quando terminaram Antônio perguntou a velhinha se ainda tinha sal em casa. Ela tremendo de medo respondeu que tinha e perguntou quantos quilos ia querer. Ele pediu para ela trazer um quilo, chamou o cangaceiro que reclamou da comida e fez ele comer dizendo:

— Coma desgraçado este sal e você nunca mais vai reclamar de comida insossa.

Silvino fez ele comer todo aquele sal, e quando terminou de comer seu corpo começou a inchar, inchou tanto que ele não conseguiu sobreviver e morreu.

História contada pelos os alunos do programa Brasil Alfabetizado do sitio Torrões: Ivo Pedro de Lima, Inácia Alves do Nascimento, Manoel José Profiro.

A força da lei

Nos idos de 1908, meu tataravô, o alferes Antônio José de Sales, era grande latifundiário no sertão paraibano. Dono de inúmeras datas de terra, ex-senhor de escravos e também de muita astúcia, não costumava deixar barato alguma peça que por ventura alguém quisesse lhe pregar.

Certo dia, num entardecer de verão, estava o velho alferes no alpendre de sua casa na antiga fazenda Pinhões, município hoje de Livramento - PB, a se embalar em sua branca rede de tear, tecida do melhor algodão de sua lavra, a devanear com suas antigas lembranças.

Foi interrompido nesse torpor por um cavalheiro que se identificou como soldado da "força" de São João do Cariri, lhe entregando uma intimação, onde o delegado daquela comarca mandava detê-lo em razão de questões ligadas a terras.

Como manda a hospitalidade sertaneja, o soldado foi convidado a entrar, sentar-se e fazer uma suculenta merenda, a base de queijo de manteiga, doce de caju em calda, etc. Enquanto isso, meu tataravô mandava arriar seu melhor cavalo alazão; tomara um banho e vestira sua farda de alferes, não esquecendo a espada.

O alferes de receber ordens passou a ministrá-las.

— Vamos lá soldado. Estou pronto. Vou a cavalo e você vai atrás, andando a pé, ou melhor, xotando. Pode deixar seu cavalo aqui, tá ouvindo?

Diante da gafe cometida pelo delegado em mandar voz de prisão para um superior, o subordinado ficou sem ação. Não restava outra alternativa senão ficar calado e cumprir as ordens do seu superior hierárquico, no caso o alferes.

E assim foram até São João do Cariri. Cerca de 30 km. O meu tataravô galopando e o miliciano correndo atrás. Lá chegando, o delegado também ficou sem palavras, apenas escutou a ordem imperativa:

— Carcereiro! Oh carcereiro! Me prenda este soldado que foi me importunar em minha casa, juntamente com seu chefe o delegado. Deixe-os três dias de molho para que tenham tempo de refletir antes de agirem. Na saída olhou para trás e recomendou em alto e bom tom:

— E não esqueça comida só uma vez por dia e bem carregada no sal!

Seguiu sua viajem de volta a sua casa para sua aconchegante rede de tear.

— Oxente!

E assim era o sertão.

Essa história foi contada por Francisco Rodrigues de Araújo.

Agressão e morte

Certa vez o chefe do cangaço Antônio Silvino mandou um dos seus cangaceiros e atrás de uma colher de café na casa de Dona Melandulina. Ela disse que ele voltasse logo, pois a dona da casa tinha medo, não era pra fazer nada com elas.

O Antônio Silvino disse:

— O que houve? O meu cangaceiro está demorando!

Então ele foi lá atrás do cangaceiro e surpreendeu o bandido que estava agredindo a filha de dona Melandulina. Então ele chamou o seu cangaceiro para fora e mandou ele ir na frente e saiu atrás, chegando a diante ele cortou um cipó e jogou longe, mandou o seu cangaceiro ir apanhar o cipó, ele obedeceu ao seu chefe, quando o cangaceiro foi se abaixando Antônio Silvino puxou o seu rife e disparou no seu cangaceiro que caiu em cima do cipó e morreu.

O chefe deixou o corpo lá mesmo e foi embora.

Essa história foi contada por João Profiro.

A Iara

O Sr. Abelon conta a história de Iara que ouvia de sua falecida vó e também de sua falecida mãe Josina Vilar, ele diz que ela contava que Iara era uma linda mulher como um diamante, ele, disse que cansou de ouvir as duas falarem que Iara além de bela era a rainha das águas e costumava aparecer sobre as pedras a beira de um rio nas noites de lua.

A Iara com toda sua beleza encantava os homens com o seu olhar que os deixavam cegos e lava-os até o fundo do mar para servi-la. Usava esses truques para ter quantos homens ela quisesse, também tinha lindos cabelos compridos os quais vivia a pentear com um lindo pente de ouro. Ela era praticamente coberta de ouro. Ela era simplesmente uma criatura incrível com o poder de mover as águas como a sereia bela, mas muito, muito venenosa mesmo.

Essa história foi contada por Abelon Vilar de Carvalho.

A intriga do macaco com a onça (parte I)

A onça e o macaco eram amigos, um dia o macaco comprou um queijo e subiu em cima de um pé de pau seco e amarrou o queijo, no outro dia o macaco subiu na árvore e comeu um quarto do queijo. O macaco disse:

— Oi camarada onça, ganhei um afilhado!

A onça disse:

— Como é o nome dele?

— O nome dele é: Comecei.

— Que nome bonito

No outro dia o macaco foi lá e comeu outro quarto do queijo. E tornou a disse para a onça:

— Ganhei outro afilhado

A onça perguntou:

— Qual o nome dele?

— O nome dele é: Todo meio.

No outro dia comeu outro quarto do queijo. Tornou a dizer para a onça:

— Ganhei outro afilhado.

A onça perguntou:

— Qual o nome dele?

— O nome dele é: Três quartos.

— Esse nome é feio.

No último dia ele comeu o outro quarto. Tornou a dizer para a onça:

— Ganhei outro afilhado.

A onça perguntou:

— Qual o nome dele?

— O nome dele é: Terminei. Agora vou marcar o dia do batizado para convidar a camarada onça, para comer um queijo comigo.

Então no lugar que estava o queijo o macaco colocou uma pedra branca, todo dia ele ia mijar em cima pedra. Com oito dias depois, o macaco convidou a onça para comer o queijo, a onça perguntou aonde estava o queijo, o macaco respondeu:

— Está lá em cima amarrado naquele pau seco. E saíram juntos

para comer o queijo. Quando chegou lá o macaco subiu no pé de pau e disse:

— Camarada onça o queijo está se desmanchando.

Então pegou a pedra com muito jeito, e mandou que a onça, lá de baixo, abrisse a boca, pois ele ia soltar o queijo. A onça sem malícia abriu a boca, o macaco soltou a pedra e caiu na boca dela quebrando todos os seus dentes. Depois de feito isso o macaco correu para o mato. A onça então disse:

— Tem nada não miserável, eu ainda te pego!

Foi a partir desse acontecido que começou a intriga entre eles.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

A intriga do macaco com a onça (parte II)

A onça tinha duas filhas: Maria e Sofia.

Ela colocava bananas em uma mesa bonita, o que atraia o macaco. Quando chagava e não encontrava as bananas já sabia que ele tinha roubado. Ela mandou fazer um boneco de cera e colocou em cima da mesa do cachinho de bananas e ficou escondida com as filhas para pegarem o macaco. Ele chegou de pontinha de pé e não viu a onça, então chegou perto do boneco de cera e disse:

- Nêgo, me dá uma banana.

Encostou a mão no boneco e ficou colado. Novamente disse:

- Nêgo, me dá uma banana.

Encostou a outra mão e ficou colado, mas insistiu dizendo:

- Nêgo, me dá uma banana.

Desta vez, colocou o pé e caiu ao que a onça reagiu:

- Ah, eu sabia que te pegava. Agora vou convidar meus amigos para fazer um almoço de você.

A onça saiu para convidar os amigos e deixou a ordem para as filhas matarem o macaco e prepararem o almoço. Mas não tinha lenha para isso, nem elas tinham força para cortar. Então o macaco pediu para que o soltassem que ele cortaria. Maria ainda pensou que ele fugiria, mas soltaram mesmo assim. Ele pediu ajuda a ela para segurar na ponta do pau, tacou o machado em sua cabeça e a matou. Em seguida escondeu o corpo e chamou Sofia para ajudá-lo, alegando que Maria tinha ido pegar água. Sofia segurou e foi morta da mesma forma. Depressa, o macaco tirou o couro das duas, preparou a carne, deixou o almoço pronto, fez a mesa e correu para se esconder em um pé de pau seco que tinha perto de casa.

Meio dia a onça chegou com os amigos: cachorro, raposa, gato, tamanduá, guará, timbu, etc., entraram e encontraram a comida pronta na mesa. Procurou as filhas, e não encontrando começou a gritar ao que o macaco respondia com finos assovios. Resolveram então almoçar.

De repente, o macaco salta da árvore em cima da casa e ao correr pra lá e pra cá, deixa cair terra na comida. Logo a onça entende que isso é ideia de macaco e chama os amigos para pegá-lo. Ele corria muito, então os amigos desistiram e ela passou a persegui-lo sozinha. Estava quase alcançando quando na beira de um rio, ele entrou num buraco. Lá tinha

um sapo que pulou fora. A onça pediu para que o sapo tomasse conta do buraco enquanto ela ia pegar uma ferramenta.

O macaco veio até a beira do buraco e, para fugir, jogou terra nos olhos do sapo e correu. Nesse momento a onça chegou e procurou o macaco e o sapo a mandou cavar que o encontraria. Ela cavou até o final e nada. Fez um fogo na beira do rio e mandou o sapo escolher: ou morreria queimado ou afogado. Ele preferiu morrer queimado porque seria uma morte mais rápida, mas a onça pensou em fazer o contrário para não fazer os gostos do sapo, então pegou-o pela perna e jogou no meio do rio. E o sapo saiu:

- Bum, bum pra camarada onça... bum, bum pra camarada onça...

Ela então entrou na água para pegar o sapo, cansou e morreu afogada.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

A morte ninguém engana

Certa vez um homem que se dizia muito esperto não sabia que sua hora estava chegando, pois a morte viria lhe buscar.

Chegou o dia em que a morte veio lhe buscar. E ele suplicando pediu:

— Mas dona morte meu filho acabou de nascer não me leve agora não eu ia até chamar a senhora para ser madrinha dele.

E a morte respondeu:

— Estar bem, se vou ser madrinha de seu filho vou te dar mais um ano de vida.

E ele então contente aceitou.

Depois de um ano a morte chega para levá-lo e ele inventando outra desculpa falou:

— Hoje é aniversario de meu filho seu afilhado.

A morte então fala:

— Vou te dar mais uma semana, e disso não passa.

Era o tempo que ele precisava para arrumar outra desculpa.

Na sua casa trabalhava um velho negro há muitos anos. Ele então pensou vou me disfarçar desse velho negro pra morte não me levar. Então ele se pintou com carvão e vestiu roupas velhas, quando a morte chegou pensou:

— Eu to com pena do meu compadre vou fazer o seguinte não vou levar ele hoje, levarei esse negro velho no lugar dele.

Essa história foi contada por Jacira Maria da Conceição.

A mulher desconhecida

Certa noite a senhora Josefa Eulina, mais conhecida como Dona Dedé estava dormindo quando viu uma mulher bem velhinha, corcunda e com um manto branco, em sua vida jamais haverá de ver alguém com aquela aparência, a velhinha perguntou-lhe:

— O que esta aqui em baixo é seu?

E desapareceu do canto da sala. Dona Josefa estava com tanto medo que pegou sua filha que estava dormindo e colocou-a nos braços e ficou sentada em sua cama durante a noite toda. Seu esposo perguntou-lhe o que estava acontecendo e mandou-a voltar para a cama. Dona Dedé para tapiar o marido disse que era a neném que estava chorando, mas que nada o motivo mesmo era medo da velhinha.

Apesar de tanto medo Dona Dedé compreendeu que aquela velhinha era uma alma que estava lhe entregando uma botija. Isto por volta de 1974 este fato aconteceu no sitio Bonito, ela mesma nunca teve coragem de tirá-la. O senhor Antônio Anísio sim, retirou a botija e havia algumas moedas de ouro dentro de um baú. Seu Antônio ficou rico e montou um comercio poucos anos depois, mudou-se para a cidade de Taperoá onde até hoje vive no ramo do comércio.

Essa história foi contada por Josefa Eulina da Silva

A noiva que se engasgou com a moela

No nosso município, há muitos cantadores de violas e outros que pretendem chegar lá. Conversando com meu tio Erivam, poeta não profissional, mas capaz de fazer versos como ninguém, ele me disse alguns versos que me deu vontade de repassar para demais pessoas e aproveitei para repassar através deste em versos. Ele me contou sobre a noiva engasgada com uma moela, e a historia e é a seguinte:

Num casamento em um sitio a comida era pirão,
Peru guisado e assado com arroz e macarrão,
Vinho de maracujá e assado de capão.

Certo dia no sertão a moça se casou
E na hora do jantar o candeeiro apagou
A noiva que era faminta nesta hora aproveitou
Foi no prato de carne, pegou-se com uma moela inteira de um peru, e pensou vou comer ela
Não deu tempo mastigar e ela ficou na goela.

Quando acenderam o candeeiro, estava a noiva entalada
Com os olhos aboticados e a roupa toda melada,
Apontando com os dedos para a boca escancarada.

Disseram: a noiva engasgou-se e agora o que se faz?
Um cara mediu-lhe uma tapa nas costas dela por trás,
Que a moela pulou que quase derruba o rapaz
E a noiva envergonhada vendo o vestido melado
Recolheu-se para o quarto e deixou o noivo de lado
E no quarto ainda comeu um quarto de bode assado.

Essa história foi contada por Erivam Cosme da Cunha.

Antônio Silvino

Eu vou contar um fato que aconteceu há muitos anos atrás.

Era um cangaceiro do sertão que se chamava Antônio Silvino, valente, assassino cruel, adorava matar para ter a fama de valentão.

Antônio Silvino certo dia em uma véspera de ano novo, juntou 20 capangas e foi trocar tiro com a polícia. Foi cinco horas de fogo cruzado e os cangaceiros de Silvino não ficou nem o primeiro, só escapou Silvino porque era muito ligeiro.

Dalí ele sumiu deixando os capangas mortos e entrou na mata que nem os soldados viram, ele se dirigiu para a cidade pernambucana de Alagoas. Meia noite caia chuva e relâmpago e no claro do relâmpago muito forte Silvino avistava vultos horríveis. Eram umas caveiras pulando e gritando. Aquelas assombrações que gritava em voz alta:

— Silvino as nossas vidas você hoje tem que nos dá. Você sumiu covardemente deixando agente, mas chegamos em primeiro lugar.

Essa história foi contada por Agnaldo Cordeiro da Cunha.

A onça e o bodinho

Era uma vez um bodinho que foi a procura de comida no brejo para matar a fome dele e da sua mãe, pois no sertão estava muito seco. Ele levou a sua comida para comer no caminho. Chegando adiante, ficou debaixo de um pé de árvore na sombra para almoçar, quando apareceu uma onça que disse:

— Eita camarada bode almoçando, né?! Almoce logo que eu também quero almoçar você.

Com medo, o bode foi almoçando bem devagarzinho. De repente chegou um bicho chamado quibombo, parecido com um macaco da boca larga. A onça teve muito medo dele, já foi ficando cismada, com vontade de correr, mas ficou com medo do quibombo correr atrás dela, então resolveu ficar por ali mesmo até acha uma brecha pra escapar.

O quibombo percebeu o sapatinho do bodinho e achou muito bonito, e pediu que o bodinho fizesse um sapatinho também para ele. E o bodinho disse:

— Mas não tem couro pra fazer.

O quibombo respondeu:

— Nós temos couro da camarada onça.

Mandou a onça tirar um pouco do seu couro. Ela com medo danou a mão no seu corpo e arrancou um pedaço do couro. O quibombo espichando com o dente foi alertado pelo o bodinho que mandou puxar. Quando puxou bem muito o bodinho soltou o couro e o quibombo engoliu. O bodinho disse:

— Tá aí camarada quibombo, você engoliu o couro! Como que posso fazer o seu sapatinho?

O quibombo disse:

—Tire outro pedaço de couro camarada onça.

Ela com medo de morrer tirou e eles foram espichar de novo, o quibombo engoliu novamente, então mandou a onça tirar outro couro. Desta vez a onça não aguentou e foi embora e o quibombo atrás e o bodinho gritando para ele trazer o couro.

Quando o bodinho viu que eles tinham sumido na serra foi embora para casa e nunca mais quis voltar pro brejo.

Essa história foi contada por João Profiro.

A origem das botijas

As botijas geraram-se quando antigamente as pessoas eram perseguidas pelos cangaceiros, pois eram muito malvados, quando chegavam às casas levavam tudo o que as pessoas tinham se não achassem nada matavam as pessoas daquela casa. Eles eram tão malvados de uma forma que se eles chegassem nas casas que tinha crianças quando não encontravam nada pegavam as crianças jogavam pra cima, e esperavam com um espeto e daí deixavam pra lá.

Na época as pessoas que tinham condições pegavam seu dinheiro ou ouro, o ouro era muito usado naquela época, colocavam em uma botija e enterravam. Deixavam o lugar marcado com alguma coisa, só que depois os donos do tesouro quando voltavam pra procurar o lugar que tinham enterrado a botija eles não encontravam mais.

É daí que vem o resultado, quando eles morriam voltavam para dar a alguma pessoa, que segundo a lenda não pode ter ambição senão nunca vai conseguir arrancar a botija.

E isso nunca vai acabar, porque muitas pessoas que ganham o tesouro das almas não têm coragem de arrancar muitas vezes por medo, pois tem que arrancar meio dia ou meia noite, e dizem que aparecer várias coisas esquisitas, como pessoas conversando, touro bravo cuspindo fogo, ventania, forró, etc. tanto que, quem tem coragem de arrancar tem que levar ao local água benta e vela pra fazer cruz no lugar, só assim consegue arrancar o tesouro.

História contada por Maria de Fátima Cosme dos Santos.

A paixão e a decepção

Era uma vez um homem que andava viajando quando anoiteceu ele ia passando numa fazenda e decidiu pedir pra dormir lá, quando chegou, só tinha a filha do fazendeiro ele perguntou a ela se tinha um lugar pra ele dormir, ela respondeu que sim. Ofereceu-lhe janta e os dois jantaram.

Chegando a hora de dormir ela disse para o homem:

— Você vai dormir aqui na sala nessa rede e eu vou lá pro meu quarto.

Assim fizeram, quando foi de madrugada ele estava gemendo com o frio na sala, ela chamou o moço pra ir pro quarto dormir em sua cama. Mas ela teve a ideia dividir a cama com travesseiros pra ele não se encostar nela.

Quando amanheceu o homem disse que estava apaixonado por ela e não ia embora sem levar ela junto com ele, a moça prontamente respondeu:

— Mas como meu pai é muito valente, ele jamais me deixaria ir embora daqui com você. O homem disse:

— Mas não tem problema eu coloco você nas costas e pulo todas essas cercas e vamos embora.

Ela respondeu:

— Mas como fará isso? Se você não pulou nem um travesseiro ontem de noite.

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa.

A preguiça e a mentira

Era uma vez um negro preguiçoso, que morava em uma serra com sua esposa e filhos. Sua esposa tinha muita vontade de possuir um roçado e ai disse:

— Vamos marido, vamos, vamos botar um roçado!

O marido respondeu:

— Eu não boto um roçado não, porque eu sou muito trabalhador, vou lucrar demais e não tenho o que fazer com tanto lucro, ai eu compro uma besta e a besta dar o burrinho.

Então um dos filhos ouviu a conversa e disse:

— Papai, me deixa montar no burrinho?

Ele pegou o menino e deu uma surra, e falou:

— Tá bebo seu moleque sem vergonha você quer quebrar o espinhaço do meu burrinho?!

A mulher disse:

— Desse jeito esses meninos vão morrer de fome!

O marido defendeu:

— De fome não morre não, porque ainda ontem eu fiz sete tapiocas comi sete e uma banda, eles comeram o resto, estão gordos, chega estão lisos e pode até eu matar um preá que vai dá pra eles comerem mais de mês.

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa

A raposa e o urubu

A camarada raposa chamou o camarada urubu para ir um almoço na casa dela. Preparou um xerém bem mole e quando o urubu chegou lá ela fez só aquela água e espalhou no lajedo de pedra. Quando o urubu chegou a raposa falou que o xerém estava pronto e o chamou para comer. Ele ficou danando o bico na pedra e raposa enchendo o bucho, ainda teve o desaforo de perguntar se ele estava comendo e ele não querendo dar o gosto disse que sim.

Depois o urubu convidou a raposa para um almoço em sua casa no outro dia. Fez um buraco na pedra e despejou o xerém. Perguntou a raposa se ela tava comendo ao que afirmou que sim, mas era mentira porque no buraco só cabia o bico do urubu, não dando para ela colocar a boca. Foi à vingança do urubu.

O urubu resolveu convidar a raposa para ir a uma festa no céu e ele quis, mas depois lembrou que não tinha asas, e ele se propôs a levá-la e ela concordou. No outro dia o urubu chegou, subiram e ele perguntou se estava segura e se via o chão. Ela disse que só via um vulto. Ele subiu mais um pouco e ao ser perguntada se via o chão, disse que só tava vendo a escuridão. O urubu disse que estava cansado e ela o mandou descer. Ele se recusou e disse que ela descesse, mas ela ainda aguentava mais dizendo que não estava cansada. Só que suas forças acabaram, não aguentou e ela desceu meio ligeiro caindo no chão. O urubu desceu em seguida e a comeu em uma saborosa refeição.

História contada por José Antônio Filho.

A rede e os anõezinhos

Nos tempos de infância, sempre ia aos finais de semana na casa da minha madrinha, que morava num sítio. Eu gostava muito, porque lá era onde eu brincava e contava as estrelas do céu, com sua filha e nossa outra amiga. Passávamos horas vendo grama balançar e os cajueiros deixando cair seus frutos, entretidas com o mundo à nossa volta.

Como de costume, íamos dormir cedo: elas dormiam em camas, e eu, menos privilegiada, dormia numa rede. Toda noite, antes de dormir, me balançava um pouco para espairecer aquele enfadonho dia. E foi num destes dias pacatos que me aconteceu um causo estranho, que até hoje não sei explicar: estava dormindo, muito bem tranquila, até que abri os olhos atenta, e avistei pequenos anõezinhos entrando pelo quarto, e vinham em minha direção. Fiquei apavorada, ainda mais quando senti que eles seguraram minha rede e balançaram-na! Gritei, mas foi inútil! Era com o se minha voz não existisse, não pudesse ser ouvida, por mais alto que eu gritasse e mais esforço que eu fizesse! Eles balançavam, naquele ritual pavoroso, e eu gritando inutilmente, esperando que alguém me escutasse e me ajudasse...

No outro dia, tentei procurar respostas para o que aconteceu, mas não consegui. Apenas a minha amiga que havia dormido na cama falou que tinha acordado à noite, e tinha visto realmente a minha rede balançar, só que achou que eu tinha acordado, e, sem mais nada para fazer, teria começado a balançá-la...

Afinal de contas, nunca soube o que aconteceu de verdade, e desejo que nunca mais receba a visita indesejada desses anõezinhos...

Essa história foi contada por Rejane Marinheiro de Sousa.

A semelhança do papo

Seu Pedro era um rapaz velho que nunca na vida tinha namorado, até que um dia conheceu Serafina e começaram a namorar. Ele era matuto e não usava ceroula, quando começou a namorar foi na feira comprou 15 metros de chita e mandou sua tia desmanchar tudo em ceroulas.

Um dia ele ia para a casa de Serafina quando no meio do caminho precisou passar um telegrama correu pra trás de uma moita dentro de um matagal, e pra ceroula não se sujar, tirou e dependurou-a num pau.

O serviço terminado a roupa ele vestiu, mas como não era de costume usar a ceroula ela acabou esquecendo-a.

Quando subiu no jegue escutou um estralo de pano rasgando, e pensou:

— A ceroula é falsa.

Mas deixa que tinha sido a calça que descoseu palmo e meio. Então Pedro saiu com o "zezim" de fora, balançou as esporas na barriga do jumento e seguiu viagem.

Quando chegou na casa de Serafina ela e a mãe mandaram logo ele entrar, ai trouxeram um tamborete esfolado desses do testo de couro, mas que estava furado, com um buraco bem no meio. Só deu tempo ele sentar pro "pisuar" passar pelo buraco do danado do tamborete.

Ele com as pernas cruzadas sem tá sabendo de nada, e os troços lá dependurados.

No tamborete a mãe de Serafina tinha tratado dum galo.

Aí quando a velha deu fé, disse pra Serafina:

— Mulher, nos valemos na carreira! Valei-me São Gonçalo! Lá estar o papo do galo apregoado no tamborete.

Ligeiramente mandou Serafina ir conversar com o rapaz, pois ela ia ver o que podia fazer.

Deu fé Serafina com umas prosas, uns arrudeios, quando de repente ele sentiu por trás um repuxão que ele foi no céu e voltou. A velha puxando com força ele danou-se a suar saindo lágrimas dos olhos deu vontade dele gritar. A velha disse resmungando:

— No papo tem dois ovos de rolinhas.

A velha sacou a mão na peixeira foi quando ele deu um bote e disse:

— Tá beba velha danada! Escapei dessa fedendo!

E saiu ele ainda dizendo:

— Dessa não esqueço nunca mais e pra eu sentar numa cadeira mesmo a calça estando inteira ainda passou a mão atrás.

Essa história foi contada por Erivam Cosme.

A trajetória de São Pedro e Jesus

Seguiam aqueles dois homens debaixo daquele sol escaldante sem rumo e com a única esperança de serem recebidos para que pudessem saciar sua fome e sede.

Logo adiante avistaram uma casa, aparentemente triste pela sua simplicidade, mas só bastou conhecer o casal que ali vivia para perceber o contrário.

Pediram comida e tudo o que tinha lhes foi oferecido - apenas uma pequena quantia de caldo de feijão. Passaram a noite ali mesmo na cama de giral feita por palhas, enquanto o casal dormia sob um lençol no canto da parede.

Pedro muito alegre pela forma que foi recebido suplicava a Jesus para que desse muita fartura e muita riqueza aquele casal. Jesus apenas lhe respondia com suas sabias palavras:

— Pedro tu não sabes o que dizes.

A mesma conversa se repetiu a noite inteira e Jesus já sem paciência propôs então a Pedro:

— Daqui a dois anos voltaremos aqui e tu veras Pedro como as coisas mudam.

E assim foi, passaram-se meses, um ano e estava por chegar o dia. Dois anos completados, seguiam eles novamente viajem. A casinha velha estava ao chão e uma enorme e linda fazendo havia se erguido do lado.

Bateram na porta e foram respondidos com uma voz grossa e raivosa que dizia assim:

— O que querem esses velhos tão sujos em minha propriedade?

Pedro meio acanhado respondeu:

— Só queremos um lugar para passar essa noite.

O fazendeiro com um ar de desprezo gritou:

— Se quiserem ficar ali, junto com os animais, armem suas redes e podem ficar lá.

Pedro naquele instante percebia a diferença no olhar daquele senhor.

Organizaram-se para dormir e Jesus afirmava:

— Tu rezas Pedro, é o único trunfo que possuímos agora.

Pedro aceitando a ordem começou a gritar rezando. O fazendeiro muito feroz disse:

— Se escutar mais um barulho juro que lhe dou uma surra.

Pedro com muito medo mantinha-se a rezar. E o pior veio a acontecer, levou uma surra que jamais esquecera.

Jesus apenas afirmava que Pedro jamais deveria deixar de fazer sua oração. E Pedro ali seguia rezando, achando-se muito esperto pediu para trocar de lugar com Jesus.

O fazendeiro saiu de sua casa e se aproximava do curral para acertar Pedro mais uma vez, mas pensou então já que havia batido em Pedro que estava na rede da frente agora ia bater no que estar atrás. E Pedro mais uma vez sofreu aquele martírio.

O dia amanhecia os raios do sol já penetravam no chão que naquele momento estava a esquentar. O fazendeiro havia convocado Pedro e Jesus para que trabalhassem em sua fazenda como pagamento pela noite que passaram em sua propriedade. Ordenou a eles que despolpassem todo o arroz que havia em seus três armazéns.

Ao ver aquela tamanha quantia de arroz Pedro começou a chorar e se lamentar, pois jamais conseguiria terminar aquele trabalho.

Jesus então lhe ordenou que trouxesse três palitos de fósforo. Pedro meio desconfiado apenas cumpriu a ordem de seu companheiro. De repente o fogo se alastrou e sumiu permanecendo apenas os grãos de arroz em perfeito estado de conservação. Sumiram dali os dois. O fazendeiro ao ver todo aquele trabalho perfeitamente realizado não acreditou e percebeu que aquele homem era Jesus, pois tamanha graça só poderia ser alcançada por suas mãos

Daquele dia por diante o fazendeiro jamais teve sossego em sua vida. E morreu ali na busca por seu perdão onde a revolta e o desprezo lhe corroia por dentro.

Sua mulher foi tomada pelo ódio e pela raiva dos dois senhores, pois ela acreditava que eram culpados pela morte de seu marido.

Muitos e muitos anos se passaram e Jesus resolveu voltar aquele lugar para ver qual seria a situação daquela mulher.

Ao abrir sua porta a mulher logo soube de quem se tratava e com um sorriso falso no rosto recebeu os senhores, estes famintos pediam-lhe algo para comer. A mulher lhes preparou dois pães bem suculentos, mas envenenados.

Jesus agradeceu-lhe pela oferenda e em um relance olhou bem fundo em seus olhos e disse:

— Jamais ofereça o mal para alguém, pois este pode se voltar contra você mesmo lhe trazendo dor e infelicidade.

E seguiram sua viajem, resolvendo não comer os pães naquele momento.

Mais na frente se depararam com dois rapazes que aparentemente mostravam estar famintos, pois ambos provavelmente retornavam de seu trabalho. Os moços sem retrucar pediam-lhe aqueles pães, Jesus então disse:

— Aqui está rapazes estes são os pães que vossa mãe nos ofereceu, podem saciar vossa fome.

Só se sabe que os dois rapazes morreram aos pés de sua mãe, e aquela mulher nunca mais foi vista, sumiu, seguiu apenas levando em sua companhia a solidão, tristeza e angústia de uma vida e um destino incerto sem rumo e sem direção. Onde o vento lhe soprava o rosto deixando visíveis as marcas de seu sofrimento.

Esta história foi contada por Maria José Maranhão Dantas.

A velhinha que queria casar

A velhinha que queria casar todos os dias ia três, quatro vezes ao dia até a igreja, se ajoelhava ao pé da santa e dizia:

— Vala minha Nossa Senhorinha! Ajude pra que eu case!

E ficava repetindo várias vezes. O sacristão não aguentava mais escutar a velhinha, dava agonia de escutar o dia todo ela dizer a mesma coisa. Então ele bolou um plano: pegou um cordão, amarrou atrás da cabeça de Santo Antonio fazendo com que a cabeça se mexesse. Quando a velhinha veio pedir a santinha o sacristão ficou por trás da imagem de Santo Antonio e disse, balançando a cabeça do santo:

— Vá pra casa sua velha enxerida. Você não tem vergonha dessa idade ainda pensa em casamento?

A velhinha olhou para o santo com cara de brava e disse:

— Cala a boca, olho de pitomba lambida! Eu não estou falando com você! Estou falando com minha Nossa Senhora que é mulher que nem eu e sabe das minhas precisões.

História contada por Romão Guilherme dos Santos.

A vida do cangaceiro Antônio Silvino

Antônio Silvino era filho de uma viúva e um dia quis saber quem era o pai:

— Mãe, quem é meu pai?

— Seu pai, meu filho, a onça comeu.

Uma semana depois uma pessoa avisou a Silvino que quem tinha matado seu pai foi um fazendeiro. No mesmo instante ele disse a sua mãe o que uma pessoa tinha lhe contado e ela mandou ele deixar isso pra lá.

— Deixo nada. Eu vou trabalhar e comprar um rife pra matar este desgraçado que matou o meu pai. Disse ele com sede de vingança.

Certo dia, ele chegou em casa e disse a mãe que tinha matado o dito fazendeiro assassino do meu pai e que a partir daquele dia ia arrumar uma tropa e ser cangaceiro, e foi assim se tornou um maldoso cangaceiro.

Já com o seu bando formado, ele e um cangaceiro de confiança com o nome de João Banda, encontraram vários policiais, acontecendo uma troca de tiros. Não conseguindo derrotar os policiais Silvino e seu bando saíram fervendo de raiva.

Mais na frente encontraram uns bois e Silvino com muita raiva se vingou em um boi que por coincidência era de um padre. Ele foi até a Igreja, deu uma surra no padre que quase matou e também o roubou.

Quando o padre se recuperou rezou uma missa de corpo presente para Silvino. Mais tarde Silvino ficou sabendo da missa de corpo presente que o padre rezou em sua homenagem, percebeu que a partir daquele dia estaria amaldiçoado. Então disse para o bando que estavam todos desmantelados e os chamou para irem embora daquele lugar.

No dia seguinte o bando decidiu abandonar Silvino, porque sabiam que ele estava amaldiçoado e todos foram embora abandonando Silvino, com exceção de João Banda.

Depois de três dias em um confronto com a polícia Silvino ficou muito ferido e João Banda muito indignado, chamou o capitão para se matarem, Silvino disse pra ele deixar de ser doido que era melhor se entregar a polícia do que fazer isso. Mas João Banda no mesmo instante se matou. No dia seguinte Silvino se entregou e foi preso pelas autoridades.

Ele foi levado para cumprir pena na cadeia da cidade de Campina, quando os moradores souberam que ele estava chegando, mesmo preso, foi

recebido com uma banda de música.

Ao passar de muitos anos Silvino demonstrou uma boa recuperação, foi solto e acabou seus anos de vida trabalhando como segurança de uma chácara.

História contada por José Ferreira Filho.

As astúcias de Pedro Malazarte

Pedro Malazarte era um homem muito esperto que andava pelo mundo.

Certo tempo precisando muito de dinheiro resolveu pedir emprego numa fazenda. Chegando lá perguntou para o fazendeiro se não havia algum trabalho que ele pudesse fazer. O fazendeiro respondeu que sim, ele poderia cuidar dos cavalos, mas só pagava se em uma semana ele deixasse os cavalos dando risada de tão bem tratados.

Ele aceitou o emprego e foi logo pensando no que iria fazer para cumprir a tarefa, pois estava precisando de dinheiro.

Passando a semana o fazendeiro voltou para ver seus animais e quando viu os cavalos perguntou assustado:

— O que aconteceu?

Pedro Malazarte respondeu:

— O Senhor não queria ver seus cavalos dando risadas, olhe ai.

Pedro Malazarte havia cortado o beiço de todos os cavalos deixando todos dando risadas.

Essa história foi contada por Jacira Maria da Conceição.

As luzes da pedra branca

Certa vez Odivio e Ricardo estavam na pedra branca tirando estacas para cercar os currais dos animais. Eles estavam com medo do dono da propriedade passar e se incomodar por eles estarem retirando as estacas, quando de repente ouviram um barulho do motor de um carro. Odivio olhou para Ricardo e disse:

— Corre que Noca (o dono da propriedade) vem ai no carro e ele vai nos pegar no flagra. Corre! Corre!

Chegando em casa por uma vereda que saia em frente de sua casa ficaram a espera de Noca. Esperaram por cerca de meia hora.

Odivio disse:

— Ricardo, vamos voltar lá novamente pra vermos se Noca levou tudo.

E assim fizeram. Quando chegaram lá as estacas estavam no mesmo lugar e começaram a retirar mais e novamente o mesmo barulho. Os rapazes se esconderam em uma moita e ficaram bem quietinhos. O barulho novamente zoou, zoou, zoou e parou. Odivio disse:

— É agora que irão nos ver.

Deixaram para trás as foices e os machados e se lamentavam por não saberem o que fazer e nada de ninguém aparecer ali.

Ricardo então falou:

— Não pai aqui não tem é ninguém. Vamos ver se o rastro do carro está ali no caminho.

Não havia rasto de carro algum foi ai que Odivio se lembrou que ali aparecia assombração, era carro que zoava, luz que acendia e de repente sumia e Ricardo já tremendo a voz disse:

— Oh pai, eu vou é embora daqui e nem me chame para pegar as estacas, pois eu não vou obedecer.

Odivio ficou sozinho para pegar as estacas que eles haviam tirado.

Essa história foi contada por Odivio Hilário da Silva

As tochas

Pai velho, o seu Hilário, sempre contava que via tochas, mas a gente nunca acreditava. Até que em uma noite estava tudo mundo na casa de Jidú, que era nossa vizinha, quando "Pai velho" chegou e disse:

— Olha lá em casa como estar claro. Vamos embora Sá Caitana que a tocha esta clareando lá em casa!

Foi ai que eu vi uma tocha pela primeira vez.

E seguimos todos para casa para dormir. Quando chegamos a casa peguei minha redinha e foi armar na sala com medo, me ditei e passei o lençol rodeando a rede e fiquei bem quietinho toda vez que ia cochilando me lembrava da tocha e no mesmo instante despertava, quando consegui dormir senti como se alguém tivesse colocando o dedão na minha testa que adormeceu.

Quando o dia amanheceu contei o que havia acontecido comigo na noite passada ao meu pai, ele disse que era assim mesmo, pois eu não acreditava em tocha, mas desse dia em diante nunca mais duvidei de nada.

Essa história foi contada por Luiz Carlos de Gouveia.

Bruxa malvada

Era uma vez um casal de filhos que todos os dias a mãe mandava comprar pão na padaria.

Um dia encontraram uma bruxa no caminho que os chamou para ir a casa dela. Eles foram e ao chegar lá ela queria colocar Maria em uma gaiola, mas ela disse que colocasse primeiro seu irmão João (os irmãos já tinham combinado isso). E assim ela fez, botou João na gaiola e depois de uma semana colocaria Maria.

Todos os dias, juntamente com Maria, a bruxa levava comida que engordava para João e pedia para ver seu dedo se já estava gordo. Quando viu que tinha engordado mandou Maria colocar água pra ferver.

Maria foi até João e combinou que quando a água esquentasse e a velha mandasse ele subir na escada ele pedisse pra ela ir primeiro. E assim fizeram. Quando a bruxa subiu, eles a colocaram de cabeça para baixo dentro da panela de água fervendo e ela morreu.

Os meninos voltaram para casa e ao chegarem contaram tudo a mãe que ficou muito feliz pois pensava que estavam mortos.

Essa história foi contada por Damião Pereira do Nascimento .

Camões e o rei (parte I)

Era uma vez um homem que se chamava Camões, ele andava pelo mundo, um dia chegou ao Castelo de um rei.

O rei sabendo da fama que Camões tinha de ser um espertalhão, decidiu testar sua sabedoria, e disse para ele:

— Camões se você quiser se livrar de uma pena de morte você deve ir tirar o leite no touro bravo às sete horas.

Então Camões ouviu a sentença do rei e foi pra casa, dormiu a noite toda. No outro dia pela manhã começou a juntar uma trouxa de roupas, quando terminou, colocou a trouxa de roupas na cabeça e foi lavar na beira do rio. Ao passar na frente do castelo o rei avista a cena e pergunta para Camões:

— Não vai tirar o leite do touro não?

— Tô apressado doutor rei, porque meu pai deu a luz a uma criança e eu vou lavar as roupas dele.

O rei indignado falou:

— Que história é essa Camões? Quem já viu homem dá a luz?

— Senhor rei, na minha terra touro também não dá leite não.

Admirado com a tamanha esperteza o rei decidiu retirar a pena de morte e deixar Camões viver.

Em outra ocasião aconteceu o seguinte: o rei que tinha muitos passarinhos em sua propriedade sentia vontade de pegar os pássaros para criar em uma gaiola. Camões passa em uma estrada em pleno meio dia, avistou o rei que já vinha ao encontro dele. Então Camões arreou as calças e defecou no meio da rodagem, quando o rei vinha se aproximando dele, Camões tirou o chapéu da cabeça colocou em cima das fezes aí gritou:

— Peguei senhor rei...! Eu não disse que pegava aquele pássaro que o senhor tinha vontade de criar. Mas eu só deixo o senhor pegar se me der muito dinheiro.

O rei ansioso disse:

— O que faço Camões?

— Me passe o dinheiro e fique segurando o pássaro que eu vou buscar a gaiola em casa.

Então o rei se abaixou e ficou de bunda para cima para o pássaro não sair. Camões demorou, demorou e não apareceu mais.

Logo o rei cansou de esperar e pensou:

— Vou levar o pássaro na mão mesmo.

Foi arribando a aba do chapéu devagarzinho, colocando a mão por baixo, quando bateu em um negócio mole aí disse:

— Eita, peguei em uma tuia de merda!

Depois dessa safadeza o rei decidiu se tornar inimigo de Camões, querendo se vingar.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

Camões e o rei (parte II)

Um dia Camões chegou no castelo do rei e o rei lhe pediu para tirar uns paus mas tinha que ser bem aprumados. O rei lhe entregou a ferramenta e ele foi direto para as bananeiras, cortou os paus e trouxe. O rei o repreendeu por ter cortado suas bananeiras, mas Camões disse que eram os paus mais aprumados que tinha e seria como o rei queria. No dia seguinte o rei mandou que ele teria que trazer outros, desta vez cheios de nó. Camões foi para o canavial do rei e trouxe uma carrada de cana, chamando o rei para olhar. O rei novamente o repreendeu e ele explicou que os paus cheios de nó que encontrou foram aqueles.

Então o rei resolveu fazer uma armação para Camões, pedindo para que ele voltasse em sua casa no dia seguinte. Ao chegar lá, disse o rei:

— Camões, de hoje a oito dias volte aqui, mas não venha a cavalo nem a pé.

Camões pensou no que fazer se não podia ir nem a cavalo nem a pé. Quando foi com os oito dias pegou um porco e foi com os pés no chão, sendo assim nem ia a cavalo nem a pé, pois estava com o pé no porco.

Quando o rei viu aquele presepe ficou admirado e Camões lhe disse:

— O senhor rei disse que não era pra eu vir nem a cavalo nem a pé, então cheguei encima do porco.

Foi ai que o rei lhe disse:

— Olhe com você ninguém pode.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

Camões e o rei (parte III)

O rei convidou Camões pra fazerem uma aposta e ver quem dava um soco na baraúna pro braço atravessar pro outro lado. Camões aceitou, mas sabido como era tinha certeza que nem um dos dois conseguiria.

Então escondido do rei foi lá na baraúna, furou um buraco que só cabia a mão dele e lacrou de cera. No outro dia o rei o chamou e ao chegar lá mandou que Camões tentasse primeiro, mas ele cedeu a vez para o rei começar. O rei então juntou os braços na baraúna que quebrou os dedos. Chegada a vez de Camões, enfiou os braços na baraúna que saiu do outro lado. O rei lhe perguntou como tinha feito aquilo, e Camões lhe disse:

— Comigo ninguém pode!

História contada por Manoel Alves Pequeno.

Camões e o rei (parte IV)

O rei, patrão de Camões, não
se cansava de perder para seu empregado e lhe propôs um convite onde segundo ele seria irrecusável para Camões.

O rei chamou Camões e lhe falou:

— Amanhã vou dar uma festa onde várias autoridades estarão presentes, reis, rainhas e demais pessoas. Quero que você compareça, pois será uma honra tê-lo em minha festa; só que você não pode nem vir nu nem vestido, nem descalço nem calçado, nem à pé nem à cavalo. Certo?

— Certo seu rei! Venho sim para essa festa, pode esperar.

A festa começou e o rei se alegrou, porque não viu nem um sinal de Camões por lá. Então muito contente achando que dessa vez iria se livrar do seu servidor já estava pegando no braço da rainha que estava sorridente e radiante de linda, quando de repente para a surpresa do rei chegou à festa Camões vestido só de camisa, a camisa bastante comprida, com apenas um sapato e montado em uma porca logo gritou:

— Cheguei Sr. rei!

E mais uma vez Camões surpreendeu ao rei com sua grande esperteza.

História contada por Aliete Guilherme dos Santos.

Causo Verídico: a assombração perseguidora

Há um tempo atrás uma mulher morava em um dos locais mais famosos da cidade de Teixeira: a cerra. Sua casa era localizada em um ambiente sombrio os dias se passavam e ela vivia sempre sozinha e triste até que em uma bela noite a mulher resolveu passear pela cerra para admirar o céu. O que ela não esperava é que viesse um caminhão e a acertasse em cheio acabando com sua vida.

Alguns anos depois motoristas e demais pessoas que por ali passavam começaram a ser perseguidos pela misteriosa mulher que aparecia e desaparecia e aterrorizava a todos que a viam. Certa noite os estudantes da cidade de Livramento, saiam da cidade de Patos, no entusiasmo de voltar para casa, a viagem seguia tranquila, eram brincadeiras e mais brincadeiras, todos sorriam e achavam graça de coisas pequenas e bobas, mal sabiam que estavam prestes a passar por uma experiência aterrorizante e inesquecível. A noite ficava cada vez mais negra, quando os estudantes já estavam passando pela cerra de Teixeira, mas precisamente pela casa da mulher que assombrava aquele local, uma das estudantes, olhou para cima da cabine da caminhonete e viu uma mulher com a aparência horrível e assustadora, os estudantes começaram a gritar e quanto mais gritavam, mais perto ela chegava, quando estava bem próxima de uma das estudantes ela desapareceu.

A viagem seguiu de forma misteriosa, os estudantes mau falavam apenas tremiam de medo, o motorista sorria e criticavam os estudantes dizendo que eles estavam imaginando coisas. Quando estavam próximos da cidade de Livramento, perto do balde do açude do Sr. Moaci o motorista teve uma grande surpresa, pelo retrovisor do carro, ele avistou uma mulher toda estranha, vestida com uma roupa rasgada e suja, pendurava-se na traseira do carro ele parou e perguntou aos alunos que vinha em cima da caminhonete, quem era aquela mulher que estava pendurada, pois ela não vinha em segurança e podia cair a qualquer momento. Para a surpresa dele os alunos disseram que não vinha ninguém pendurado e que ela deveria ser a mulher que apareceu na cerra de Teixeira. Até hoje os moradores da cidade de Teixeira continuam temendo aquela mulher que segundo eles, todas as noites aparece em um dos trechos daquela cerra, caminhando olhando a noite e assustando a todos que por lá passam, querendo se vingar

daqueles que lhe desprezavam quando vivia sozinha naquele lugar.

Quanto aos estudantes estes morrem de medo da tal mulher e depois do acontecido, sempre desciam a cerra de Teixeira fazendo orações e pedindo proteção a Deus, para nunca mais ver aquela perseguidora e horrorosa assombração.

Essa história foi contada por José Guilherme de Assis Júnior.

Como caçar uma onça

Um amigo meu tava interessado em umas coisas... Foi saber com seu outro amigo. Chegou e disse:

— Compadre, eu quero lhe perguntar uma coisa!

O seu compadre falou:

— Fale, seu cabra!

Então ele disse:

— É o seguinte: eu tô querendo aprender a caçar onça!

Ele respondeu:

— Mas pra que tu queres aprender a caçar onça?

O homem falou com convicção:

— Ah, compadre! Eu quero ser respeitado, chamado de valente, quero desbravar essas matas atrás de onças! Diga-me como é que se caça onça?

Seu compadre lhe respondeu:

— Certo, vou lhe dizer! Faça o seguinte: procure de dia, a onça, e quando chegar perto dela, meta-lhe um monte de bosta na cara dela!

Ele, sem entender nada, perguntou:

— Mas oxente, compadre! Onde é que eu vou arrumar bosta nessa hora!]

Seu amigo disse-lhe, com um riso na boca:

— Meu compadre, quando você ver a onça, bosta é o que não vai lhe faltar!

Essa história foi contada por Francisco Rodrigues de Araújo.

Companheiro do meu pai

Era uma vez menina que morava sozinha com a avó, mas trabalhava na casa da sua madrasta, porém ela nem imaginava que sua madrasta sentia uma grande inveja da sua beleza e de seus cabelos longos.

Um dia a madrasta foi para a vargem pegar capim e chamou a menina, quando chegaram lá a malvada madrasta cavou um buraco e enterrou a menina viva.

A avó desconfiou que a madrasta era responsável pelo sumiço da sua netinha, pois ela sabia da inveja que a madrasta sentia pela sua neta.

Passaram-se os dias e um curioso caso começou a acontecer naquela vargem: quando os rapazes que trabalhavam lá iam tirar o capim escutavam uma música misteriosa, pois não viam nada nem ninguém cantar. Então falaram isso para a avó da menina, e afirmaram que achavam a voz muito parecida com a de sua neta. Logo a avó pediu que eles voltassem lá novamente, que dessa vez ela ia cortar o capim também para conferir se essa história era mesmo verdade.

Quando chegaram lá cortaram o capim, a menina cantou e nesse dia apareceu o cabelo grande da menina. Como a madrasta enterrou a menina viva, com o tempo o cabelo dela cresceu na vargem e virou capim. Então quando os trabalhadores iam cortar o capim, cortavam o cabelo da menina. A avó da menina não demorou a acreditar nos rapazes, mas ela acabou acreditando, pois também escutou a música catada pela voz de sua netinha, a música que ouviam era essa:

"Companheiro do meu pai,
Não me corte o cabelo,
Que a madrasta me enterrou,
Pela a figa da figueira,
Que os passarinhos me picou".

Essa história foi contada por Maria José de Lima Pequeno.

Confissão

O marido estava em seu leito de morte, e chamou a mulher com a voz já rouca e disse-lhe:

— Meu bem chegue bem pertinho que eu quero fazer uma confissão.

A mulher falou:

— Fique quieto sossegue que você não pode fazer esforço está muito fraco.

Insistindo o marido:

— Mulher olhe, eu preciso morrer em paz e quero te confessar algo muito importante.

— Está bem pode falar.

— Olhe é o seguinte eu te trai com a sua irmã, sua mãe e sua melhor amiga.

— Eu sei meu bem, foi por isso que eu te envenenei, seu tarado.

Essa história foi contada por Adeilda Vilar de Carvalho.

Frei Damião disfarçado, procurando saber como é a vida do pobre e do rico.

Certa vez um velho que andava todo sujo e com as roupas rasgadas, com uma barba muito grande, andava pelas ruas e pedia comida nas casas. Ainda andou uns trinta dias, um dia passou em uma casa e perguntou a uma senhora:

— O que vai acontecer na casa de sua vizinha?

A mulher respondeu:

— Vai haver uma festa de casamento, é uma filha de seu Francisco que vai se casar. Lá nessa festa só vai deputado, prefeito e governador, só gente rica, pois seu Francisco falou que não que gente pobre na festa de casamento da sua filha.

Então o velhinho falou:

— Eu vou lá pedir dormida e comida.

Quando chegou lá já tinha muita comida boa e bebidas. O velhinho perguntou pelo dono da casa, o dono ouviu a pergunta e saiu fora para ver quem queria saber dele. Sem demora o velhinho pediu-lhe comida e explicou que estava morrendo de fome. O dono da casa disse-lhe:

— Velho sujo e desmantelado, pode ir embora!

O velho saiu e foi embora!

A mulher Francisco disse:

— Por que você fez isso eu ia colocar comida pra ele, o pobre estava com fome.

Após muito tempo de caminhada o velhinho se cansou e sentou-se em uma casa velha que não morava ninguém. Quando descansou foi embora, andando... Novamente avistou outra casa que tinha gente, e pensou:

— Vou pedir comida e dormida!

E assim o fez, as pessoas daquela casa eram humildes, mas apesar da pobreza deram o que o velhinho pediu.

Então no dia seguinte, saciada a fome o velhinho se despediu e agradeceu dizendo:

— Deus vai lhe dar tudo de bom para essa família! Porque eu fui em uma casa de gente rica e pedi comida, mas lá não me deram e nem me deixaram entrar.

Os donos da casa perguntaram como era o seu nome.

O velhinho respondeu:

— Vocês estão falando com Frei Damião. Eu sai assim desmantelado para ver como era a vida do rico e do pobre.

O Frei perguntou para aquelas pessoas:

— Como é o nome de vocês?

O dono da casa respondeu:

— O meu é Joaquim, e o da minha mulher é Maria e o meu filho é Mateus.

— Vocês têm um bom coração, que Deus os abençoe e continuem assim, porque nunca vai lhes faltar nada.

Tempos mais tarde terminou o rico ficando pobre e o pobre ficando rico, deixando conhecida a grande lição:

"Dê comida a quem tem fome, faça sempre o bem sem olhar a quem".

Essa história foi contada por Maria das Graças Limeira Sousa.

João defunto

Num certo dia, às cinco horas da manhã João estava tirando o leite de suas vaquinhas e dona Chiquinha preocupada porque ele estava demorando muito, então disse para seu filho:

— Julinho, seu pai está demorando muito. Vá até o curral e olhe o que houve.

Julinho foi depressa até o curral e quando chegou perto gritou:

— Pai, pai, cadê você?

Vendo que o pai estava caído no chão, correu muito assustado e foi chamar a mãe Chiquinha que lhe perguntou se o pai estava vindo, mas ele disse que o pai estava caído e ela foi até o curral, olhou se estava respirando e mandou Julinho ir até a casa do compadre Antonio, chamá-lo. Ao chegar lá, chamou o padrinho depressa que seu pai estava caído. Antonio foi e olhou se o coração estava batendo e pode constatar que não, então pediu para a comadre se conformar que ele estava morto. Ela começou chorar junto com o filho Julinho.

O compadre, junto com os vizinhos preparou o enterro. Ao chegarem ao cemitério chovia forte e eles não conseguiram enterrar deixando para o dia seguinte. No outro dia, quando chegaram no cemitério para enterrar, João estava sentado na cova e disse:

— Compadre Antonio, me tire daqui que eu estou vivo.

As pessoas muito assustadas saíram correndo novamente, e João pedia pelo amor de Deus para tirá-lo dali. Depois as pessoas voltaram pra ver se João estava mesmo vivo, mas elas ainda estavam assustadas e não tiraram João de lá. Mas João insistiu:

— Compadre, morto é aquele que não fala. Estou vivo e só não consegui levantar porque choveu forte a noite toda e estou congelado.

A mulher e Julinho ainda estavam com medo, mas ele ainda disse:

— Pai, você está vivo mesmo?

— Sim, mande o compadre me tirar daqui.

— Padrinho, tire ele daí!

Então, tiraram o corpo e levaram para casa, depois de seu João ter sobrevivido de um infarto e um congelamento no cemitério. As pessoas passaram a chamá-lo de "João defunto", mas ele só veio morrer com 98 anos e de um outro infarto.

Essa história foi contada por Damião Pereira do Nascimento.

Nosso Senhor

Certa vez Nosso Senhor andando pelo mundo afora na companhia de São Pedro, passou em uma capela e viu um homem ajoelhado rezando.

Vendo aquela cena disse:

— Deus te salva da alma de porco.

Andou, andou e encontrou outro homem tangendo um rebanho de gado, e chamando palavrão, para o qual ele fala:

— Deus te salva, oh alma de Deus.

Pedro falou:

— Nosso Senhor, o senhor está errado.

Nosso Senhor perguntou:

— Por que Pedro, eu estou errado?

Pedro respondeu:

— O senhor passou na capela tinha um homem rezando, e o senhor agora encontra esse com um rebanho de gado e chamando nome e o senhor diz Deus te salva oh alma de Deus.

Nosso Senhor diz:

— Pedro você não sabe o que diz, porque aquele homem que estava rezando, quando sair dali vai falar da vida alheia e o coração dele não estava pensando em Deus; já o outro que chamava palavrão estava pensando em Deus. Se o que rezava, fizesse com fé, você acha que tinha dito isso com ele? O outro chamou nome na hora da agonia porque esqueceu o nome de Deus, mas agora lembrou.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

O apostador

Era uma vez um sujeito que vivia de apostas. Apostava que corria mais que todo mundo, que comia mais rápido que bebia mais cervejas etc.

Certo dia, no bar, chegou um cara e o desafiou:

— Tá afim de uma aposta amigo?

— Claro! Aposta é comigo mesmo!

— Então vamos lá! Eu te dou mil reais pra você comer bosta... Topa?

— Trás o prato aí.

O pessoal do bar aplaudiu e chegou mais perto. De repente o desafiante chegou com prato de cocô e o cara começou a comer no maior apetite.

Os espectadores olhavam boquiabertas e o cara já estava contando os mil reais quando, na última colher, parou.

— O que foi?

Grita alguém que estava assistindo...

— Parou por quê?

— Não quero mais...

— E você vai deixar de ganhar mil reais por causa de uma colher? Perguntou outro

— Ninguém vai me fazer continuar.

— Mas por quê?

Gritaram todos

— Não tão vendo? Perguntou o comedor, corajoso.

— Caiu uma mosca em cima.

Essa história foi contada por Sebastião Cosme dos Santos.

O bêbado

Certo dia em Livramento aconteceu um caso muito engraçado, de um casal que o marido bebia muito.
Quando saia para os bares, chegava em casa dizendo que a mulher estava traindo ele.

Quando foi um dia ele saiu, quando voltou chegou bêbado em casa, chamou a mulher ela levantou-se e abriu a porta e ele entrou. Ele tinha deixado a sela do cavalo em um torno da casa, quando ele avistou a sela pensando que era um caba e disse:

— Te peguei cachorro!

Meteu a faca pra cima dizendo:

— Te matei safado!

Enquanto o marido rasgava a sela a mulher chorava e dizia não faz isso marido, tu não tem com que comprar outra não. E o bêbado entendendo que a mulher falava do amante, ai ele disse:

— Se tu quiser outro mulher só se for ver no inferno.

Foi dormir pensando que o cara estava morto, quando acordou de manhã falou:

— Levanta mulher para ir ver teu macho morto.

Chegando na sala ele ficou com muita vergonha, porque lá só tinha a cela do cavalo no chão toda espedaçada.

Essa história foi contada por Inácio Bigode.

O Benedito com a besta ao contrário

No ano de 1928, lampião chegou a São Vicente com os seus cangaceiros e por trás da igreja começaram atirar. Benedito Pereiro estava vendendo banana debaixo do pé de figo em São Vicente, ele se alvoroçou e olhou pra um canto e outro, quando escutou o zunido dos tiros, pois Lampião tinha começado a atirar novamente.

Benedito correu para onde estava sua besta com a cangalha amarrada, ele montou na besta com a frente para trás. Lampião viu aquela cena e disse:

— A besta está rodeando, vire para frente o meu senhor está montando errado!

Benedito respondeu:

— Não se importe!

O cangaceiro vendo aquela agonia puxou a faca e cortou a corda e correu pelo o meio da besta. Os cangaceiros atiravam para cima e a besta saiu correndo uns 8Km de São Vicente para o Pé de Serra. Ele ia chegando na casa de Vicente Cândido, que estava no curral tirando o leite das vacas, colocou o leite no pote, olhou para frente e viu que lá vinha uma marmota, ele conheceu que era Benedito do Pereiro que vinha montado na besta ao contrário. Vicente pergunta:

— O que foi isso Benedito?

Ele respondeu:

— Mas rapaz, Lampião entrou em São Vicente acabando com tudo!

Seu Vicente pergunta:

— Oh Benedito por que você vem montado na besta errado com a frente para trás?

Benedito do Pereiro olhou depressa para trás, e diz:

— Oxente Vicente me viraram com a besta e tudo pelo avesso!

História contada por Inácio Limeira.

O bode

Era uma vez um homem que foi dormir na casa da noiva, ele tinha o costume de dormir sem calças. Tirou sua roupa e colocou numa cadeira, só que ele não sabia que tinha um bode enjeitado na casa. Então a noite o bode veio e enganchou a ponta na calça do homem levando-a pro quintal. Pela manhã cedo quando ele acordou que percebeu que sua calça não estava lá, ficou muito perturbado não sabendo o que fazer. Então se fez que estava doente e ficou enrolado o dia inteiro bebendo tudo quanto era chá.

Quando caiu a noite o bode chegou para dormir, (como todo bode enjeitado esse também só dormia dentro de casa) estavam todos ao pé da rede preocupados com o doente, quando o homem viu que o bode trazia suas calças penduradas pelos chifres ele deu um pulo pegou as calças, foi embora e nunca mais voltou.

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa.

O cão da garrafa

Era uma vez uma velhinha que tinha uma cabra que dava leite.

Várias pessoas iam buscar o leite lá e sempre aparecia um negócio preto dentro da garrafa.

Certo dia quando ela estava colocando o leite em uma garrafa pra uma criança apareceu um cisco preto que deixou a velha agoniada. ela disse:

— Só pode ser astúcia do diabo.

Saltou um moleque preto do olho de fogo de dentro da garrafa e disse:

— Sou eu mesmo.

A velha falou:

— Só acredito que é você se entrar dentro dessa garrafa novamente.

O diabo entrou e ela colocou a tampa e deixou-o preso dizendo:

— Vou lhe colocar em uma encruzilhada no caminho e enquanto eu estiver viva, você não se solta.

Enterrou a garrafa e nesse local todo mundo que passava ouvia uma voz que dizia:

— A velha já morreu!

Certo dia vinha um cara bêbado e ouviu aquela voz, "a velhinha já morreu!". Aproximou-se daquela voz e quando deu por si estava falando mesmo debaixo do pé dele. Então o bêbado disse:

— É uma botija.

Marcou o canto e foi buscar um ferro de cavar para arrancar a botija. Ao chegar cavou um pouco e encontrou uma garrafa com um negrinho preto dentro que disse:

— Me solte cara que o meu nome é Joaquim, tudo é bom e nada é ruim.

O cara disse:

— Solto não.

E Joaquim:

— Me solte que te dou uma botija.

O cara soltou e quando viu o tamanho do negão pensou logo que não era o mesmo que estava na garrafa e o desafiou a entrar novamente. Mas ele recusou-se com medo de ser trancado de novo e disse que ficaria

ao lado do cara, para aonde fosse ele iria atrás.

O negrinho disse ao cara que ele era pobre e não sabia de nada, mas que o curaria. Para isso, arrumou uns frascos de vidro e tinturou de água fazendo uns remédios e disse:

— Eu vou entrar no corpo de uma moça rica e tu vais curá-la para ganhar muito dinheiro. Vão ser três moças ricas. Quando você chegar que me encontrar aos pés da cama pode curar que saio do corpo dela e você vai ficar rico.

O cara chegou para curar a moça e deu daquela água para ela beber. Pouco tempo depois, ela levantou e sentou na cama. Depois de outra dose ela ficou boa, e o pai contente, lhe deu muito dinheiro deixando-o quase rico.

O diabo disse:

— Tu já estás quase rico, vou entrar no corpo de outra moça.

E assim fez.

O pai dela chamou o curador que veio logo e viu Joaquim (só ele podia vê-lo). E depois de curar a outra moça o pai dela lhe pagou muito bem e ele ficou rico de vez. Foi quando Joaquim falou:

— Tu já estás rico, portanto vou está ao pé da cama e não vais mais curar a outra moça.

O curador pensou como faria para curar a outra moça. Ao chegar à casa dela entrou no quarto e viu o diabo Joaquim sentado na grade da cama, com quem trocou olhares. Ele falou para o pai da moça que não podia curá-la e este respondeu:

— Vai curar sim. Você já curou as filhas dos meus compadres e a doença é a mesma.

O curador perguntou:

— Aqui por perto tem algum sanfoneiro bom?

O pai da moça respondeu que logo em frente tinha um e o curador mandou chamá-lo dizendo:

— Vá lá e quando chegarem aqui na sala o mande tocar zabumba, triângulo, sanfona e bateria que eu fico no quarto sozinho com a moça.

Quando chegou ao quarto olhou para o cão Joaquim e disse:

— Daqui não saio.

E Joaquim:

— Não saio também.

De repente, ouviram um som vindo da sala. Então o curador falou para o diabo Joaquim:

— A velhinha da garrafa chegou ai agorinha.

E Joaquim:

— Então, cure essa daqui, pois vou embora para a velha não me pegar.

Dito isto, desapareceu no mundo e o curador curou a moça, ficando podre de rico.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

O cara assobiador

Em uma noite de São João, no sitio, ia passando o cangaceiro Antonio Silvino com mais de cem homens, quando ouviram um barulho de forró que vinha de uma casa, resolveram ir até lá conferir. Quando chegaram, o dono da casa disse pra eles que não era forró não, era só um cara assobiando. Então Antonio Silvino respondeu que não tinha problema não, sentou ao lado do cara que estava assobiando e quando o cara parava ele dizia batendo palmas:

— Vamos, vamos!

Quando o dia amanheceu o bico do cara já tinha mais de palmo.

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa

O cavaleiro

Eu e Euclides Hilário estávamos no cercado de Ademário quando escutei um chocalho de algum animal e fiquei escutando para ver se era do boi que eu estava atrás. Fiquei ali na sombra do umbuzeiro onde de repente eu vi um boi e um cavalo que passaram por mim numa carreira só, nunca tinha visto um cavalo tão corredor como aquele. Eu voltei para a minha tarefa de ir atrás do boi, mas sem tirar aquilo da cabeça.

Quando cheguei na casa fui perguntar ao pessoal que estava lá se tinham visto o boi e o cavalo, mas ninguém viu eles passarem.

Passaram-se alguns dias e seu Ademário me chamou para ir ao cercado novamente, quando chegamos lá no dito cujo me lembrei e contei para ele o que havia acontecido. Seu Ademário caiu na gaitada e eu fiquei foi com vergonha e não disse mais a ninguém essa historia.

Essa historia foi contada por Euclides Hilário.

O cego ciumento

Tico era um rapaz que trouxe uma sina de dá dó. O pobre garoto era cego.

Certo dia conheceu uma moça que com o toque de suas mãos tinha certeza de que era a mulher de sua vida. O nome da garota era Tereza, bonita como a lua e cheirosa como um cravo.

Os dois casaram e o pobre de Tico era muito ciumento. Onde Tereza estava ele estava agarrado com ela pela cintura para que outro homem não a encostasse.

Tereza era mesmo assim levada e combinou com um cara para se encontrarem em cima de um pé de laranja. Ela chamou Tico para tirar umas laranjas. Ele explicou:

— Mas Tereza, não posso, pode ser que suba alguém.

Ela então disse:

— Meu amor, eu subo e você fica agarrado com o pé de laranja, pois assim ninguém poderá subir.

Ele concordou e foram, só que enquanto isso, o cara já estava esperando Tereza em cima do pé de laranja. Tereza subiu e foi namorar e Tico ficou agarrado com o pé de laranja.

Enquanto tudo isso acontecia, São Pedro e Nosso Senhor passavam naquele lugar. São Pedro, cheio de remorso com o que via, pediu para Nosso Senhor pra dá vista ao pobre coitado. Nosso Senhor disse:

— Cala a boca Pedro! Tu não sabes de nada Pedro.

E Tico lá com a cara pra cima. Pedro insistiu até que Nosso Senhor se rendeu e disse:

— Tá bom Pedro, eu vou dá a vista a ele.

Quando Nosso Senhor deu a vista a Tico, ele viu a esposa com o amante lá em cima e disse:

— Oxente mulher. O que é isso?

Ela exclamou:

— Cala a boca Tico. Isso foi uma promessa que eu fiz pra tu ficar bom da vista.

Tico respondeu:

— Então finda Tereza, finda!

Essa história foi contada por: Sebastião Cosmo dos Santos.

O dia da sentença

Naquele vilarejo onde de tudo existia vivia uma pequena população. Na rua principal a noticia corria, três mulheres haviam morrido.

Dona Lucia mulher simples e batalhadora apenas de sua casa para o mercado era simples e modesta, mas tinha olhos e ouvidos bem grandes quando se tratava de algo que ali acontecia.

A segunda senhora era Dona Joana muito recatada e com olhos apenas para seu marido e cuidados apenas com seus filhos.

A terceira senhora era mulher da vida se prostituía para seu sustento e de seu único filho, vivia da noite e superava o dia.

E assim se sucedeu o causo:

Seguiram as três para aos pés do Senhor receber sua sentença. As duas senhoras não paravam de cochichar:

—Só quero saber qual será a sentença para essa ai.

Estava por chegar a vez da primeira senhora que ligeiramente exclamou:

— Senhor sou mulher de minha casa, nunca trai meu marido, sempre honrei minha família, nunca matei nem roubei, apenas durante toda minha vida cuidei do que me deste.

O Senhor calmamente respondeu:

—Quero que voltes à terra a faça tudo diferente, ainda não é hora do seu descanso eterno.

A mulher seguiu indignada ao pensar em tudo que novamente deveria passar, mas muito curiosa para saber qual seria a sentença daquela mulher:

— Já que eu que fiz tudo certo estou nessa situação, não quero nem imaginar o que se sucedera com esta pobre infeliz.

E a fila seguia.

Com a segunda senhora o mesmo aconteceu:

— O meu caso é o mesmo de minha colega, jamais diferir alguns de seus mandamentos.

E a mesma sentença lhe foi proferida.

Estava por chegar à vez daquela mulher pobre, triste e muito abatida, trazia em seu rosto as marcas da violência humana. E prosseguiu dizendo:

— Senhor, fiz tudo errado. Desonrei minha casa e minha família, vivi da noite, fui mulher de muitos, não porque quis, mas sim porque precisava, sei que tudo que me acontecer de agora por diante será consequência de meus atos. O Senhor apenas a olhou nos lhos e disse:

— Está vendo aquela cama vai até lá descansa em paz, pois já sofreste demais em vida.

E assim se foram as duas mulheres certas de que o ser humano não sobrevive apenas de aparências, mas sim em muitos casos de consequências.

Essa história foi contada por Maria Malaquias da Silva.

O diabo da besta fera

Por circunstância da seca um dia eu me vi forçado a pedir a seu Funceca um emprego de soldado. Seu Funceca era sargento por documento de São José da Bunita, e por falta do que fazer era cachaceiro, depravado, passava o dia socado no boteco de mãe Rita.

Quando eu pedi ao sacana o emprego de soldado ele disse essa história:

— Eu vou falar com o deputado, explicar que a cidade está com necessidade de adquirir uma placa se ele disser que sim tu vai trabalhar por mim, que eu quero ir beber cachaça. Tenho quase certeza que ele vai concordar.

Sente ali naquela mesa comece logo a trabalhar, separe as escritas do bar de mãe Rita que é pra eu ir lá mais tarde, que quero ver se dessa vez o que ganhei nesse mês dá pra eu pagar a metade de uma meota de bregeira. Então o dito sargento pegou todo seu dinheiro e comprou todo de cerveja e conhaque, quase lhe dava um ataque quando avistou o paiol. E ainda tinha outro fecho de tira-gosto de peixe com caldo de mocotó.

Sei que fiquei trabalhando comendo feijão com batata, passei o resto do ano sem receber uma prata.

Nesse tempo em São José, homem, menino, mulher, inclusive eu também não sabia que existia carro, quando certo dia a bixiga apareceu.

Quem sabia que molesta era automóvel?!.

Começou a correria, teve uns que se mijaram, outros que se socaram num paiol de fava. Foi quando Chico Pantera gritou:

— É a besta fera que "Padim Ciço" falava!

Tinha um jumento amarrado debaixo dum pé de figo mais quando viu o danado temeu um grande perigo. O bicho torou a corda e correu, entrou na casa de Abreu, plantou o peito em Tereza, quebrou os troços que tinha, foi esbarrar na cozinha tremendo debaixo da mesa.

Maria irmã de Tunico deu um pinote da cama, plantou o pé no pinico saiu vestindo o pijama. Até Mané aleijado que tinha um pé envergado e a canela virada se esqueceu que era perneta deixou o par de muleta saiu doido na carreira feito giral de gaveta.

Ai disseram:

— Chama o soldado que isso é coisa pra polícia!

Eu sai meio assombrado, mas pra não mostrar preguiça dei de garra da espingarda sapequei na bicha preta uns dez tiro mais ou menos. Nisso ela se abril de um lado, um cabra saiu de dentro correndo, era o pobre do chofer que com medo de morrer pulou fora deu no pé e o povo sem entender disse:

— Aquele escapou porque agente salvou! Chega Antônio vamos matar que essa peste tá com é fome. Pois sem mastigar já tinha engolido um homem!

E a bicha saiu danada sem ninguém pra lhe aprumar subiu logo uma calçada saiu derrubando um bar. Lá na frente ela espalhou-se e derrubou a banca de doce do velho Mané, entrou pro meio da feira virando tudo ao avesso.

Ai começou a chegar nego armado de cassetete, machado, chibanca, pá, foice, inchada, picarete. Baixaram logo a porrada deram cada bordoada que o chão ficava encarnado. Nisso o capú se arrancou e apareceu logo o motor que estava ligado. Foi quando Mané Pequeno gritou pra Sebastião:

— Tem um troço aqui batendo deve ser o coração. Mete o cacete meninos que o coração tá bulindo.

Nisso o gás foi derramando porque o tanque furou-se ai gritaram:

— Danou-se a bicha tá se mijando!

Sei que esse carro ficou espedaçado ao miúdo.

Agora veja senhor o resultado de tudo sabe quem era o chofer que surgiu no lambacer, era o próprio deputado que vinha ali no momento preparar os documentos pra eu ser contratado.

Depois disso seu Funceca foi dispensado. Mandaram um tal de Rineu pra ser o delegado, e eu fiquei trabalhando, trabalhei os 12 anos sem receber um cruzado, e só pude sair de lá quando acabei de pagar o carro do deputado.

Essa história foi contada por Sebastião Cosmo.

O galho de árvore

Era uma vez um homem que se chamava Malaquias, ele estava escanchado na árvore cortando um galho. Com pouco tempo passou o seu Mané montado em uma besta, que disse:

— O senhor vai cair daí seu Malaquias!

Ele respondeu:

— Eu não caio, estou bem seguro.

Seu Mané insistiu, mais ele o mandou ir embora chamando-o de besta. Quando ele ia mais adiante o galho caiu com o seu Malaquias, que levantou rápido e saiu correndo atrás de seu Mané da besta. Ele gritou perguntando se seu Mané era Deus, ao que ele respondeu que não. E seu Malaquias disse:

— Seu Mané da besta, eu quero que o senhor me diga quando é que eu vou morrer.

— Pois é eu não sou Deus, mas já que você insiste que sou, venha atrás de mim e quando essa bestinha relinchar três vezes, você morre.

Adiante ela relinchou a primeira vez e o seu Malaquias já foi ficando esmorecido. Mais na frente relinchou a segunda vez e ele já foi tombando, e mais adiante, na terceira vez, caiu ali perto e todos que viam pensavam que estava morto. Então, fizeram o velório e no outro dia, quando foram enterrar o seu corpo estava chovendo forte e para chegar ao cemitério teriam que atravessar o rio. Quando chegaram ao rio, estava coberto de canto a canto, a água demorando a baixar, então as pessoas resolveram deixar o corpo lá e voltar no outro dia para enterrar. Quando disseram isso, o "defunto" escutou e levantou a tampa do caixão, erguendo a cabeça disse:

— Quando eu era vivo, dava a volta pelo outro lado.

Os carregadores se assustaram, soltaram o corpo dentro da água. O rio carregou o corpo e seu Malaquias e ele morreu afogado.

História contada por João Profiro.

O grito

Minha tia, Maria de Fátima, hoje residente na cidade de São José do Egito-PE, contou-me um pouco das coisas que aconteciam por aqui, pois apesar de hoje morar em outro estado, nasceu e criou-se no sítio Matinha, desse município e só depois de um bom tempo de casada, mudou de cidade.

Ela contou-me que quando morava no sítio Matinha, um dia sentada na calçada com sua tia Odila, mais ou menos seis horas da noite, o pai de dona Odila saiu de cavalo para o sítio Cacimba de Cavalo, também neste município. Uns dez minutos, depois que ele saiu, elas escutaram um grito muito fino dizendo: Odiiiiiiila. A tia dela disse:

— Fátima, vamos correr que foi pai que caiu do cavalo!

E saíram as duas descabeladas. Quando andaram uns dois quilômetros ouviram que o grito ficava pra o outro lado da estrada onde elas estavam. Voltaram correndo e entraram em outra estrada. A tia disse:

— Ele foi pelo Pereiro.

Quando andaram mais um quilômetro, o grito ficou pra o lado da casa de Odila, foi quando Fátima se arrepiou toda e disse:

— Tia eu já estou morta de cansada. Isso parece que é alma. Se a senhora quiser ficar aí fique, que eu vou é pra casa e estirou.

A tia dizia:

— Fatinha, me espera!

Mas o medo não deixava. Quando Fátima chegou em casa, caiu de cansada na porta com metade do corpo para dentro e metade para fora de casa.

O pai de dona Odila chegou no dia seguinte. Quando elas contaram o que tinha acontecido, ele disse:

— Oxe, vocês tão é doidas. Pois eu passei a noite na casa de compadre e não me aconteceu nada.

Essa história foi contada por Maria de Fátima Cosmo dos Santos.

O herói

Era uma vez um homem muito preguiçoso, ele não gostava de trabalhar.

Todos os dias ele costumava se esquentar na beira do fogão. A quentura do fogo dava coceira nas suas pernas, até que um dia criou uma ferida. Certa vez ele estava no esquento do fogo como era de costume e as moscas sentava na sua perna, ele foi e deu uma tapa e matou sete moscas de uma só vez.

Ele disse:

— Oh! Agora vou andar pelo o mundo e dizendo que eu matei sete moscas de uma só vez.

E assim fez saiu pelo o mundo e botou um letreiro no chapéu dizendo: "De uma tapa matei sete".

Então o herói chegou em uma cidade e perguntaram o seu nome ele falou:

— Já está escrito no meu chapéu: "De uma tapa matei sete".

Todos ficaram com medo por ele ser um herói, por sua fama de valente logo ganhou o posto de delegado, aí não lhe faltava nada tinha tudo nas mãos.

E a história desse herói foi se espalhando, então um fazendeiro da região ficou sabendo de sua valentia e lhe procurou para matar um animal que estava devorando suas criações de bezerro. O fazendeiro faz a oferta de dez vacas e dez mil em dinheiro para matar o animal. O herói foi com um medo danado sabendo que iria morrer, pois sabia que aquele era um bicho feroz, muito diferente de um bocado de moscas. Mas para não dar um de mole aceitou a tarefa.

Ele chegou na fazenda Bragantino, então o fazendeiro mandou um dos seus empregados levar ele na malhada dos gados então lhe entregaram o rife e lhe disseram:

— Quando o sol for se pondo você grite que o bicho aparece.

E assim ele fez, quando o sol se pôs ele gritou. Não demorou nadinha para o herói escutar o rugido da fera, depressa com a cara de espanto agarrou o rife e subiu num pé de pau, e o pé de pau tinha um gancho por onde a onça também subiu para atacar o herói, quando passou do gancho ele urinou na roupa de tanto medo, ai molhou o tronco da árvore. A onça tentou subir nos galhos e escorregou e morreu enforcada no gancho. Mas

o herói ficou na incerteza do que tinha acontecido com a onça e dormiu lá em cima do pé de pau mesmo. No amanhecer do dia, ele viu que a onça estava morta, então disparou o rife derrubando a onça no chão e seguiu para a casa do fazendeiro, chegando lá disse:

— Eu não vi nada que me assombrasse, o que vi foi um gatinho!

O fazendeiro foi lá onde a onça estava e ficou assustado e falou:

— Que fera é essa?!

Então o fazendeiro satisfeito pagou as dez vacas e os dez mil em dinheiro. O herói ficou tranquilo, luxando na cidade resolveu comprar um terreno.

Com um tempo apareceu outro serviço para matar outra fera. Ele com muito medo pensou que dessa vez ele não ia escapar, mas assim mesmo topou, tudo para não perder a fama de bravo. Neste outro serviço a quantia era maior de vinte vacas paridas e vinte mil em dinheiro.
Então chegando na fazenda, o empregado disse:

— Quando o sol se por você grite.

Ele seguiu direitinho a regra e gritou, aí o mundo estremeceu com o rugido do bicho. Ele procurou um lugar para subir, mas não deu tempo subir em uma árvore alta, subiu em uma baixa, quando ele viu apareceu o bicho era um porco espinho.

Ele disse muito valente que só sentiu porque ele estava fuçando o porco espinho derrubou o pé da árvore. Quando ele o derrubou a árvore caiu bem na cabeça do porco espinho e ele ficou esmagado. Mais uma vez o herói escapou e depois de receber a sua parte pelo serviço, resolveu se aposentar deixando apenas a sua fama de valentão.

Essa história foi contada por João Profírio.

O homem do saco

Um velho andava pela mata com um grande saco vazio quando encontrou uma menina perdida brincando, a quem perguntou pela mãe. Ela falou que sua mãe a mandou brincar no terreiro, mas foi para bem longe e se perdeu.

O velho chamou a menina e disse que ia levá-la para casa, só que era mentira e colocou a menina dentro do saco e saiu andando pelas casas, ainda visitou umas dez. Quando ia pelo caminho cantava:

"Toque, toque meu cordão, que te dou um dinheirão"

Depois quem cantava era a menina:

"Mamãe me tire daqui que foi esse velho quem botou"

O velho continuava cantando. Quando chegou na primeira casa pediu um copo de água, pendurou o saco e pediu que ninguém mexesse porque ali dentro tinha um bicho que pegava gente. A mulher foi buscar a água, ele bebeu e foi embora.

A partir da segunda casa a menina começou a cantar novamente:

"Mamãe me tire daqui que foi esse velho quem botou".

E o velho cantava também:

"Toque, toque meu cordão, que te dou um dinheirão".

Quando a menina percebia que estava nas casas começava a cantar. Quando chegaram na décima casa ele pediu dormida e os donos deram. Ele pediu que ninguém mexesse no saco. Armaram a rede, onde ele colocou o saco perto. Quando começou ressonar, a menina cantou e um menino escutando aquilo, levou o saco para o quarto, abriu e teve uma grande surpresa, pois era a sua irmã que tinha sumido há alguns dias. Então, tiraram a menina e encheram o saco de pedras e bichos e colocaram no mesmo lugar.

Quando amanheceu o dia o velho pegou o saco e foi embora sem perceber nada, cantando:

"Toque, toque meu cordão, que te dou um dinheirão".

No caminho, quando chegou perto de uma pedra percebeu que o saco estava muito calado e abrindo em seguida, viu que a menina não estava e que em seu lugar só havia pedras e bichos que o comeram vivo.

Essa história foi contada por Maria das Graças Limeira de Sousa.

O homem e as cruzes

Estava por chegar a época mais esperada do ano. Eram muitos festejos, comidas com fartura e muita, muita dança. Naquele ano algo diferente iria acontecer. Um homem que desde pequeno era aleijado por problemas de genética, resolveu fazer uma rifa em seu próprio benefício, de inúmeras cabaças de gados e diversos outros animais que arrecadara dos fazendeiros da região. Foi grande o sucesso de seu movimento e aquele homem jamais haveria de ser pobre pela quantia enorme de dinheiro que havia arrecadado.

Como todos que ali estavam naquele galpão cobiçavam todo aquele dinheiro, mas apena um teve a audácia de pedir-lhe. Disse que gostaria muito de ganhar aquele dinheiro, pois era pobre e tinha quatro filhos para criar.

O aleijado então resolveu lhe fazer uma proposta:

— Se você tiver coragem, vá até o cemitério do outro lado da cidade e me traga uma cruz. Se isso acontecer pode levar todo meu dinheiro. Do outro lado um homem escutava curiosamente a conversa, sabendo do que ia acontecer ligeiramente seguiu para o cemitério. Vestiu-se com um lençol branco e ficou a esperar o rapaz.

O rapaz estava a tremer de tanto medo, mas tentava apenas pensar em todo aquele dinheiro que poderia ser seu.

Ao colocar a mão em uma das cruzes logo escutou um gemido bem longe, e logo em seguida uma voz que dizia assim:

— Essa daí não.

O homem com a voz trêmula apenas perguntou por que e a voz respondeu:

— Essa daí é da minha irmã.

Ao se dirigir para outra cruz um gemido ainda mais alto dizia:

— Essa daí também não, pois pertence ao meu pai.

O homem ao ponto de se borrar todo seguiu na direção de uma outra cruz e um gemido ainda mais alto soou dizendo:

— Essa daí também não, é da minha irmã.

O homem ligeiramente tomou a cruz pelas mãos e gritou:

— Essa pode pertencer ao diabo, mas vai comigo.

E saiu correndo em direção ao galpão e o homem atrás, uma correria só que chamou a atenção de todos.

O aleijado percebeu logo que o homem vinha todo afobado e muito assustado. Ao entrar no galpão o rapaz muito assustado gritava:

— A cruz esta aqui, mas o dono dela vem ai.

Foi uma correria só. Não sobrou um pé de pessoa, até o aleijado logo se pôs de pé e saiu correndo, deixando para trás todo o seu dinheiro.

O rapaz que havia se disfarçado de alma, ficou muito feliz, recolheu todo dinheiro e seguiu viajem para a capital ainda sorrindo do desespero de todos.

Os habitantes daquela cidade passaram a acreditar que todo ano naquela noite todos os mortos voltariam para buscar todos os bens que possuíssem, por conseqüência do fato ocorrido naquela noite.

Essa história foi contada por Maria José Maranhão Dantas.

O homem que enganou o diabo

Certa vez um homem estava passando por uma situação muito difícil, pois ele, sua mulher e sua filha pequena estavam com fome e não tinham nada para comer. Ele estava preste a cometer uma loucura, então naquele momento aparece um homem muito elegante e que lhe falou:

— Sei por que estais triste e eu posso reverter essa situação. Eu posso te dar todo dinheiro do mundo e uma boa vida, mas daqui a vinte anos eu venho te buscar e lhe darei uma chance se quando eu voltar se você me disser quantos anos eu tenho livro você desse pacto.

O homem mesmo sabendo que aquele homem era o diabo só pensou em sua família e aceitou.

O homem começou a enricar e sua família sem saber de nada, mas desconfiavam, pois mesmo com tanto dinheiro e luxo o homem vivia triste.

Anos se passaram e o homem sempre triste.

A filha vendo a tristeza do pai perguntou:

— O que aconteceu, meu pai?

Ele respondeu:

— Fiz um pacto com diabo para poder ficar rico e agora se eu não adivinhar a idade dele ele vai me levar pra o inferno com ele.

A filha muito alegre disse:

— Deixe comigo pai.

Tirou toda sua roupa e se lambuzou toda com mel e se encheu de palha seca. Quando o diabo vinha se aproximando ela seguiu para o meio da estrada e quando o diabo passou, ela pulou na frente dele e soltou um berro estrondeante, aí o diabo disse:

— Tenho trezentos e setenta e cinco anos e nunca vi uma coisa mais feia do que essa!

A garota ainda sorrindo seguiu correndo para contar ao seu pai. O diabo chegou logo dizendo que ria levar o homem e seguiu perguntando:

— Você adivinhou qual é minha idade?

— Adivinhei sim senhor, você tem trezentos e setenta e cinco anos.

O diabo disse:

— Como você adivinhou?! Tudo bem, eu não vou te levar, mas tiro tudo que te dei.

Então o home terminou seus dias como um pobre, mas muito feliz.

Essa história foi contada por Jacira Maria da Conceição.

O homem que trocava o dia pela noite

Era uma vez um homem que gostava muito de andar a noite. Ele trabalhava durante o dia em seu sitio e toda noite saia para andar pelas estradas.

Sua mulher todas as noites ficava sozinha e sempre falava:

— Homem, um dia você ainda vai ver alguma coisa que vai fazer você voltar para casa correndo.

Ele respondia:

— Deixa de besteira mulher isso é coisa da sua cabeça e mesmo assim eu não tenho medo de nada.

Certa noite o homem andando como fazia sempre encontrou um rapaz no meio da estrada, eles se cumprimentaram e foram conversando. Depois de ter andado e conversado muito o homem pergunta para o rapaz:

— Você gosta de andar muito a noite?

E ele responde:

— Moço hoje é difícil, mas quando eu era vivo eu gostava muito.

O homem sentiu um medo tão grande que voltou para casa correndo e nunca mais quis trocar o dia pela noite.

Essa história foi contada por Jacira Maria da Conceição.

Oito ou nove

Antigamente, a gente era matuto, e não conhecíamos as coisas novas que surgiam. Vivíamos no sítio, e lá era incomum aparecer alguma novidade. Mas um dia aconteceu uma coisa que toda vez que me lembro dou boas risadas. Foi mais ou menos assim:

Duas mulheres muito trabalhadoras iam todo dia buscar água numa cacimba, com os potes na cabeça. Num desses dias, elas vinham tranquilamente, quando ouviram um barulho grande, estrondoso, parecendo que uma fera estava correndo atrás delas. Quando elas perceberam isto, saíram correndo, largaram os potes, que se quebraram e deixaram toda a água cair, e corriam tão velozmente que a barra de suas saias batia em suas cabeças! Um homem, que estava passando no momento, avistou aquela cena, e, ciente do que era o barulho, gritou para tranquilizá-las:

— Comadre, é um automóvel!

Uma das mulheres escutou, mas escutou mal, e saiu correndo e gritando para a outra:

— Corre comadre, que ele disse que vêm oito ou nove!

A outra mulher escutou, e retrucou:

— Corre também, comadre, que é a besta fera!

Essa história foi contada por Francisco Rodrigues de Araújo.

O ladrão

Era uma vez uma mulher que se chamava Maria, era casada com Joaquim depois de trinta anos de casados Joaquim morreu. Ela casou-se então com Serafim. Mas ela sempre falava no marido falecido e dizia quetinha muita vontade de saber como Joaquim se encontrava lá no céu.

Certo dia um ladrão que ia passando perto da casa de Maria ouviu quando ela falava aquela mesma história, que tinha vontade de saber como ia passando sue falecido marido lá no céu, logo lhe acendeu uma ideia e decidiu ir lá na casa de Maria.

O ladrão chegou lá e disse que morava no céu e que Joaquim estava muito precisado das coisas, ele estava dormindo no chão, sem dinheiro e sem comida, estava muito necessitado. Maria prontamente arrumou tudo que podia e mandou pra Joaquim no céu.

O ladrão foi embora, nisso Serafim chegou em casa e Maria contou o que acontecera: que tinha sabido noticias de Joaquim e tudo mais... Serafim disse:

— Oh mulher besta, isso era um ladrão!

Ele rapidamente pegou o rifle e o cavalo e foi atrás dele pra matá-lo. O ladrão viu serafim e escondeu os troços dentro do mato.

Serafim perguntou ao ladrão:

— Você viu um ladrão por aqui?

O ladrão respondeu que viu e ainda disse:

— Ele foi pra aquele lado ali, se você quiser eu pego e mato ele pra você, porque eu tenho muita raiva de ladrão, me dê o seu cavalo e seu rifle que quando eu encontrar ele você vai escutar logo o tiro.

O ladrão pegou o cavalo e o rifle, deu a volta, pegou os troços e foi embora. Quando Serafim percebeu que tinha sido enganado voltou pra casa. Ao chegar em casa Maria perguntou:

—Você pegou o ladrão?

Joaquim respondeu:

— Eu encontrei o ladrão sim, mas quando ele me contou a história de Joaquim eu tive tanta pena dele que mandei levar o rifle e o cavalo pra ele também.

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa

O negro que andava com Nosso Senhor (parte I)

Há muito tempo atrás, Jesus, em suas andanças pela Terra, encontrou um negro muito avarento e invejoso, e, disfarçando-se de mendigo, falou:

— Você não tem uma esmolinha para me dar não, senhor?

O negro, desconfiado, perguntou:

— Você pede esmolas por quê? Por necessidades ou por hábito?

Jesus respondeu:

— Não senhor! Eu peço por que tenho fome!

O negro então convidou Jesus para ir com ele, e, pouco tempo depois, avistou um fazendeiro se balançando numa rede na varanda de sua fazenda, tranquilo. Jesus se sentou em uma pedra embaixo de uma árvore e falou ao negro:

— Vá lá onde está aquele fazendeiro, e diga a ele que mande um dos carneiros mais bonitos que ele tiver para nós comermos. É a única solução! Nós estamos andando, não temos moradia, e o único jeito é pegarmos sal nestas casas, porque o sal é barato, salgaremos o carneiro e comeremos aos pucos!

O negro, com receio, respondeu:

— Eu estou achando esta esmola muito grande! Ele não vai mandar tudo isso não!

Jesus mandou-lhe ir assim mesmo, e ele, o negro, saiu assombrado, com receio de que não iria dar certo. Chegando lá, o fazendeiro falou:

— Bom dia!

— Bom dia!—Disse o negro.

O fazendeiro perguntou:

— O que é que há? O que está lhe faltando?

O negro respondeu:

— Rapaz, é que eu ando com aquele homem ali e ele me mandou lhe pedir um, desses carneirinhos mais fraquinhos, um dos piores que estiver entre essas ovelhas.

O fazendeiro, com entusiasmo:

— Não! Pegue o maior que tiver, o mais bonito, e agradeça a ele desejando por mim felicidades!

O negro saiu andando, feliz, pegou o carneiro, amarrou-o pelo

pescoço e o levou, atravessando o rio que interrompia a passagem da estrada. Chegando ao outro lado, recebeu as instruções de Jesus:

— Mate o carneiro, mas ele é todo seu! Eu só quero o fígado!

O negro, não compreendendo, falou:

— Você só quer o fígado?

Jesus respondeu que sim, e falou que ia dar um cochilo numa árvore, porque não gostava de ver matar os animais, e deixou o negro. Ele, contente, matou o carneiro, abriu, e, descumprindo as ordens de Jesus, tomou seu fígado, assou e comeu. Jesus, depois de algum tempo chegou e o negro estava gulosamente comendo uma costela do animal. Vendo que estava gostando, Jesus perguntou:

— É bom?

O negro respondeu:

— Eu nunca vi um negócio tão bom na minha vida!

Jesus perguntou pelo fígado, mas, descaradamente, o negro respondeu que o carneiro não tinha fígado. Sem entender, Jesus perguntou novamente:

— O fígado! Cadê o fígado?! Quem já viu um carneiro sem fígado?!

O negro, mais uma vez, afirmou que o carneiro não tinha fígado, e, Jesus, conformado, mandou o negro comer mais, e ele comeu até se esbaldar.

Depois, voltaram a andar, e o negro estranhava que Jesus não comia, e, quando pedia água nas casas, só bebia um gole para tapear a sede. Mais na frente, o carneiro acabou, e o negro perguntou:

— E agora, o que vamos fazer?

Jesus, tranquilo, respondeu:

— Não se preocupe! Nós damos um jeito!

Depois de andar bastante, eles chegaram perto de um assador de castanhas. Jesus falou ao negro:

— Vá lá naquele assador, e fale a ele que mande por você três quilos de castanhas!

O negro achou demais e perguntou pra que tanta castanha, mas logo Jesus respondeu:

— Vá lá, peça três quilos, e diga a ele que mande as castanhas partidas!

O negro foi lá perto, e, com medo, falou:

— Olhe! Aquele homem ali! Eu não sei se o senhor vai aceitar, mas eu não tenho nada a ver! Foi ele quem mandou! Ele me mandou vir aqui, pedir ao senhor um pouquinho de castanhas, para ele comer ali.

O assador de castanhas, pra surpresa do negro, disse:

— Leve logo três quilos! E já estão partidas!

Levando as castanhas, o negro foi pensando no que Jesus iria falar.

Chegando lá, Jesus viu as castanhas, pegou-as, dividiu em três montinhos e falou:

— Com estes três montinhos eu vou fazer a divisão bem certinha!

O negro, encucado com aquilo, falou:

— Mas vem cá?! Como é que o senhor vai dividir esse três montinhos para nós dois?

Jesus falou:

— Calma! Veja: um montinho é meu, o outro é seu, e o outro é do rapaz que comeu o fígado do carneiro!

O negro, esperto, retrucou:

— Pois então pode emendar os dois montinhos que fui eu!

Essa história foi contada por Vicente Soares.

O negro que andava com Nosso Senhor (parte II)

Jesus e o negro continuavam andando, em sua longa jornada, até que avistaram uma fazenda, e souberam que nesta fazenda havia morrido um velho. Jesus logo quis saber o que aconteceu, e obteve a resposta do fazendeiro:

— Olhe, meu pai morreu, era muito rico, construiu esta fazenda, mas morreu, e estamos procurando alguém para revivê-lo!

Jesus disse:

— Ah, meu pai rezava, e eu aprendi algumas coisas com ele, e acho que posso até recuperar a vida de seu pai!

O fazendeiro, emocionado, falou:

— Ah, se o senhor fizesse isso!

O negro, que estava do lado de Jesus, cutucou suas costelas e falou:

— Tu tens cuidado, visse! Tu tens cuidado!

Jesus disse ciente do que estava fazendo:

— Pegue uma carroça de bois com lenha, toque fogo e coloque o velho dentro!

Assustado, o negro falou:

— Tu vais queimar o homem, é? Tu não tens juízo não é? Tu vais ver se desta vez nós não vamos pro xilindró!

Jesus, calmo como sempre, esperou queimarem o homem, preparou-se; foi na carroça de bois, e, no meio de tantas cinzas, achou justamente a do homem. Pegou um punhado, tomou fôlego, assoprou, e, como num passe de mágica, surgiu o velho em cima da carroça! Com todos felizes, aconteceu uma grande festa, com muitos convidados, um almoço, bebidas, etc. Jesus, como sempre, quieto, e a festa acontecendo. O fazendeiro chegou para Jesus e perguntou:

— Quanto o senhor quer? Quantos milhões?

E o negro do lado de Jesus, atiçando e falando:

— Pega! Pega o dinheiro pra nós! Vai!

Jesus falou, para o espanto do negro:

— Olhe, você não me deve nada! Muita saúde e felicidades pra todos vocês! Mas só quero lhe pedir uma coisa: creia em Deus e saiba que ele existe!

E foi embora com o negro. Este triste, resmungando muito abor-

recido por Jesus não ter pegado o dinheiro, parou e falou para Jesus:

— Quer saber de uma coisa? Eu já aprendi a pedir e ganhar as coisas, já aprendi a ressuscitar gente! Tá vendo essas duas estradas aqui? Eu vou por uma e tu vais por outra!

Não quero mais conversa contigo não! E seguiu a estrada... Certo tempo depois lhe bateu uma fome daquelas, e ele, esperto, foi numa fazenda perto de onde havia parado, e disse para um homem que lá estava:

— Bom dia meu senhor!

O homem, educado:

— Bom dia! O que há?

O negro respondeu:

— É que eu queria que o senhor me desse um restinho de comida...

O homem falou:

— Vá trabalhar! Você é novo! Não quer dar uma limpada no mato daqui não?

Preguiçoso, o negro recusou a proposta e foi embora. Tocou para frente, andou, andou, até que soube que um homem havia morrido ali próximo. Chegou na fazenda e comunicou a todos que ressuscitaria o homem.

O filho do defunto perguntou se ele era o homem que estava ressuscitando as pessoas por aquelas bandas. Ele respondeu:

— Sou eu mesmo! Pode deixar comigo! Eu garanto!

Mandou fazerem o mesmo procedimento que Jesus fez: pegaram o homem e jogaram no fogo em cima da carroça. Ele queimou, e quando o fogo acabou o negro subiu na carroça para fazer o que Jesus fez. Mas não deu certo: ele procurou, procurou e não encontrou as cinzas do homem. O seu filho, furioso, chamou os doze capangas da fazenda e mandou-lhes levar o negro à serra para matar-lhe. Chegaram lá, e cada um que dissesse mais alto:

— Quem vai dar a primeira paulada sou eu!

Mas a sorte estava com o negro! Quando eles iam levar o negro para matá-lo, Jesus, que estava passando, o avistou e falou:

— Amigo velho! Quanto tempo! O que está acontecendo?

O negro respondeu:

— Rapaz! Eu aprendi a ressuscitar gente contigo, não foi? Então morreu um homem ali, e eu mandei queimar, mas eu não acho o que fazer,

e estão querendo me matar!

Jesus falou com certeza:

— O soltem! Vamos lá que eu resolvo!

Os capangas, animados, falaram:

— Eita! São dois que nós vamos matar agora!

Eles andaram, chegaram ao local, e Jesus fez a mesma coisa. E como num passe de mágica, reviveu o homem dum sopro nas suas cinzas! A partir daí, Jesus e o negro continuaram andando, revivendo e tendo muita história pra contar...

Essa história foi contada por Vicente Soares.

O Padre caminhante

Certo dia um Padre caminhava pelas casas fazendo romaria e quando chegou a uma casa pediu um copo de água, logo se apresentou um garotinho que ligeiramente foi pegar o copo de água, e ao receber a água o padre perguntou ao menino pelos pais e ele disse que a mãe estava muito bem no quarto descontraindo os gozos do ano passado, e seu pai estava no arrependimento. De repente chega o pai do garoto com uma enxada nas costas e o padre que não tinha entendido nada começou a deduzir que o arrependimento era o roçado. Ele chegou ao homem e perguntou senhor como estava a esposa.

—Muito bem padre, ela deu a luz e está com um nenê.

Mais uma descoberta para o padre que achou o garoto muito esperto e pediu ao pai para levá-lo pra ser sacristão Igreja. E o padre ali, agradeceu e levou o menino. Ao chegar à sacristia o padre pensou que agora se vingaria do garoto e começou a fazer perguntas para testar sua esperteza:

— Menino como eu me chamo?

E o menino inteligente respondeu:

— Oxente seu padre e não é padre!

— Não, é papa-hóstia.

E deu-lhe uma pisa.

— Com um copo de água, o padre perguntou:

— Menino o que é isso?

— Oxente seu padre não é água!

— Não é abundância.

E deu-lhe outra pisa. O fogo estava aceso e o padre perguntou:

— O que é isso menino?

— Oh seu padre, e o senhor não sabe? É fogo!

— Não, é quilares do mundo.

E deu-lhe outra pisa e o menino pensou:

— Agora lascou vai morrer de apanhar.

Passou um gato e o padre disse:

— O que é isso menino?

— Oxente seu padre, e não é um gato!

—Não, é um papa-ratinho.

Deu-lhe outra pisa quando chegou nessa mesma hora a mulher do padre.

— O que é isso menino?

— Oh seu padre e não é uma mulher?

— Não, é fogosona.

E deu lhe outra pisa.

— Agora pronto! É aqui que eu morro, tudo que eu falo está errado.

Com hora depois estava lá na porta da sala a mulher do padre sentada, catando uns piolhinhos no padre e o menino lá na cozinha que quase não dava pra ver, pois a casa era muito grande e com um corredor muito largo. Quando de repente passou perto do menino o gato ele pensou que agora se vingaria do padre. Pegou ligeiramente o gatinho que vinha, pegou umas palhas de milho amarrou no rabo do gato, tocou fogo e colocou em direção ao padre, soltou o gato e gritou vem voz alta:

—Levanta papa-hóstia com sua fogosona no colo, que lá vai papa-ratinho com quilares do mundo no rabo, se não acudir com abundância se acaba tudo com o diabo.

História contada por Aleite Guilherme do Santos.

O papa-figo

Em um dia de quarta-feira, quando as pessoas da zona rural costumavam ir para a feira em na cidade de Livramento aconteceu um fato inacreditável, foi por volta das nove horas da manhã, na casa de seu José, estavam duas crianças inocentes brincando no terreiro, quando apareceu um homem de capacete e roupa preta e uma bolsa de lado cheia de balas, doces, pirulitos e brinquedos como boneca, carrinho e bola.

Ele foi se aproximando da casa onde estavam aquela duas crianças e viu que estavam brincando sozinhas e as chamou para dar presentes. Uma delas teve medo, correu e deixou a outra sozinha. Ele a chamou e quando ela chegou bem pertinho o irmão que estava em casa fazendo a comida viu e gritou para ela correr, pois o homem queria lhe carregá-la. Ela muito assustada, correu chorando para casa. O homem com muita raiva acelerou a moto e foi embora tentar levar alguma criança de outro lugar.

O Lula, que era o irmão mais velho, ficou assustado, fechou as portas e pediu para as crianças que não fossem para o terreiro porque aquele homem muito feio e esquisito sequestrava crianças para matar e tirar o fígado para se alimentar.

História contada por Maria de Lourdes Limeira de Sousa.

O rei e o seu empregado

Certo dia o rei mandou chamar seu empregado e fez uma pergunta pela qual se ele lhe desse uma resposta errada iria para a forca se ele acertasse o rei lhe daria um quarto e sua fortuna. O rei então perguntou:

— Diga-me como partir cinco ovos para três pessoas e dá três ovos pra cada um?

Com essa conversa o velhinho se desesperou, chegou em casa muito triste e sua filha perguntou:

— O que aconteceu papai que tristeza e essa?

— É que eu vou morrer minha filha, tenho três dias para responder uma pergunta que o rei me fez e se não responder certo vou para forca.

— Não se preocupe papai, vá até lá e pergunte ao rei se posso responder pelo senhor.

O pai foi até a casa do rei e lhe perguntou se a filha poderia responder no seu lugar e o rei disse:

— Claro. Só que se ela responder errado quem vai para a forca é ela.

Chegando o dia ela foi e ao chegar lá sentou a mesa rodeada de várias altezas, pois ali se achava toda a majestade convidada pelo o rei. A moça educadamente pergunta:

— Sr. Rei para quem vou dividir os cinco ovos?

O rei escolheu um príncipe e disse:

— Divida pra mim, pra esse príncipe e pra você.

A moça falou:

— Muito fácil, o senhor tem dois lhe dou mais um fica com três, o príncipe também tem dois com mais um também fica com três e sobrou três e como eu não tenho nenhum fico com os três. É ou não é?

O rei muito desconfiado e surpreso disse que sim e lhe passou o quarto de sua fortuna.

Essa história foi contada por Aliete Guilherme dos Santos.

O rei que tinha uma filha sabida

O Rei lançou uns obstáculos para que todos os rapazes contassem uma historia e se a filha adivinhasse o contador iria pra forca, mas se ela não decifrasse a história, qualquer um que contasse casaria com ela. Quando se espalhou essa notícia vinha príncipe de todo canto contar uma história pra moça e todos foram levados pra forca.

Um dia, um amarelinho chamado João que morava sozinho com a mãe, que tinha vontade que ele morresse ou desaparecesse de casa, ele ficou sabendo do desafio do Rei e decidiu ir lá contar uma historia pra princesa e casar com ela. Contou sua ideia pra sua mãe que achando muito bom e mandou ele ir porque pra ela João só prestava pra morrer mesmo.

Então no dia seguinte sua mãe apanhou dois pães botou veneno dentro e mandou ele levar para só comer quando tivesse com fome. Ele tinha uma cachorrinha que o nome era Pita, o Amarelinho levou a cachorrinha com ele. Quando sentiram fome ele deu o pão pra cachorrinha que ao comer logo morreu. Amarelinho entendeu que a mãe queria matá-lo. Tirou o couro de Pita, preparou a carne colocou no saco e viajou.

Na frente encontrou sete soldados que lhe perguntaram o que tinha pra comer ele disse que tinha um bode seco no saco. Os soldados quiseram comprar, mas ele não quis vender porque a viagem era longa, mas lhes deu um quarto do bode e foi embora. Na frente ele se escondeu e observava os soldados fazerem um fogo para assar o bode. Comeram e morreram todos. Então Amarelinho voltou escolheu o rife melhor que tinha e quando chegou lá na frente deu um sono e ele deitou-se debaixo do pé de figueira que no alto tinha uma juruti, resolveu matá-la, pois estava com fome, mas ao atirar ela fugiu e quem caiu foram os dois filhotes e ele os tratou. Tinha uma cruz de um santo encostada que ele cortou, fez o fogo, e assou as jurutis e comeu. Então pensou:

— Já tenho uma história pra contar pra minha princesa.

Foi direto a casa do rei, sentou-se e o rei lhe disse que já lhe atendia pois tinha outros príncipes na sua frente. Um deles ainda disse pra botar ele primeiro assim morreria logo, Amarelinho pediu ao rei para não fazer isso, porque estava muito cansado. Sentou na varanda do sobrado e cochilou até dormir. Depois de duas horas o rei o acordou e disse que tinha chegado sua vez. Amarelinho entrou e falou, minha história é essa:

— Sai de casa com massa e Pita. Com massa e pão matei Pita. Com Pita matei sete soldados. Dos sete escolhi o rife melhor, atirei no que vi e matei o que não vi. Com lasca de santo velho assei e comi.

A princesa pegou todos os livros de ciência que tinha, mas não soube decifrar a história de Amarelinho. O rei lhe pediu três dias para que a filha tentasse decifrar a história e ele lhe disse que daria até oito. Com oito dias ele voltou e perguntou a princesa se ela já tinha adivinhado a história e ao dizer que não ele resolve lhe contar o significado:

— Olhe, senhora princesa eu não tenho pai só tenho mãe e ela queria que eu morresse. Quando soube da sua história disse a ela que viria aqui e ela arrumou um veneno forte colocou em dois pães pra me matar. Quando senti fome dei um a Pita, ai com massa matei Pita, massa era um pão envenenado. Aí fiz a carne da cachorrinha, salguei e coloquei no saco. Continuei a viajem e encontrei sete soldados todos armados com rife e me pediram um pedaço da carne que eu tinha dito ser de bode. Comeram e morreram todos sete. Escolhi o melhor rife e continuei a viajem. Adiante num pé de figueira olhei pra cima e vi uma juruti, mirei o rife que tinha pegado do soldado para matar a juruti, mas quem caiu foram os dois filhotes, daí o significado de ter atirado no que vi e ter matado o que não vi.

O outro significado é que não tinha lenha para fazer o fogo ai tinha uma capela de santo, da qual peguei a cruz, fiz o fogo, assei as jurutis e comi. Esta era a lasca de santo velho. Esta era a história que tinha pra lhe contar.

A princesa disse para Amarelinho que ele estava certo e não adivinhando a história casou-se com ele e tomaram conta da fortuna do rei.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa.

O valentão

Era uma vez um rapaz que estava na casa da noiva, falando muito alto e querendo mandar em tudo, o pai dela disse para ele que seu compadre o cangaceiro Antonio Silvino iria passar por lá, o rapaz encheu o peito e disse que não tinha medo dele nem de ninguém. Quando Antonio Silvino chegou seu compadre mandou ele entrar, ao rapaz estava sentado Antonio Silvino perguntou:

— Você fuma?

Ele respondeu baixinho:

— Eu fumo e tomo torrado, mas se o senhor quiser que eu pare, eu paro agora.

Antonio Silvino disse:

— Não precisa, eu só queria fazer um cigarro.

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa

Os caçadores

Um dia, dois caçadores, chamados Matias e Ivanildo, foram caçar em um sítio vizinho. Ao chegarem lá, soltaram os cachorros e seguiram em frente. Logo os cachorros latiram ao escutarem os assovios da comadre Florzinha.

Primeiro foi Matias quem escutou os assovios e falou para o colega. Este, duvidando, disse que eram os passarinhos cantando, mas logo escutou também e falou:

— Hoje nós não vamos pegar nada, porque ela está assoviando e é sexta-feira. Durante as sextas e segundas ela não deixa ninguém pegar nenhum animal do mato, porque é a dona das matas e dos bichos.

Eles começaram a andar bem ligeiro, passando num arame sem nem perceber, tamanho era o medo de levarem uma pisa da comadre Florzinha. Nessa hora, ela começou a assoviar mais forte e eles começaram a andar para suas casas com medo, só que ainda estavam longe e de repete viram um dos cachorros levar uma surra, perceberam logo o fato, pois o cachorro começou latir e grunhir bem forte. Então o Matias alerta Ivanildo:

— Ela está batendo em meu cachorro. E agora, vamos fazer o que, se ainda estamos longe de casa?

Depois daquela noite de aperto eles nunca mais saíram à noite para nenhum sítio distante e esquisito.

Essa história foi contada por Marcos Lopes.

Os periquitos na missa

Antigamente as velhinhas iam para a missa e eram costumava levar junto com elas seus periquitos, aqueles passarinhos que fazem muito barulho.

Certa vez estava lá na missa todas as velhinhas, cada qual com um periquitinho, e os periquitinhos começaram com aquela algazarra, até o padre pediu:

— Minhas senhoras quem tiver com periquito, por favor, façam-o se calar, porque tenho que rezar a missa, ou então saiam, por favor, isso não cai bem para um padre que zela a casa de Deus.

E foram saindo todas as senhoras da missa, até que o padre se assustou.

Desse jeito com quem vou rezar a missa?

Ficou por fim uma velhinha que ia saindo devagar escorada em uma bengala. O padre exclamou:

— Calma minha senhora, eu pedi só para quem tava com periquito!

E a senhora que como as outras não havia entendido respondeu:

— Seu padre o meu está velhinho, mas eu ainda tenho.

Essa história foi contada por Aguinaldo Cordeiro da Cunha.

Pecado rasgado

No confessionário de uma cidade do interior, o padre foi ouvir os pecados de uma jovem, uma garota muito tímida, que levou um tempão para falar alguma coisa. O padre resolveu então interferir:

— Filha, estou notando você está escondendo um pecado grave abra seu coração.

— Ai eu tenho vergonha, padre sabe o que foi... Eu sai com meu vizinho, atrás do muro da igreja?

— Filha... Você fez isso? É um pecado muito grave! Nem sei qual a penitência que eu vou te passar, espere ai que eu vou pegar o livro de penitências.

Enquanto o padre foi lá dentro para pegar o livro, a menina aproveitou para ir embora. Nisso chegou nosso amigo Manoel e se sentou no confessionário volta o padre com o livro e fala:

— Quantas vezes você saiu com seu vizinho atrás do muro?

E o Manoel de olho arregalado disse:

— Uma vez só quando era menino e vai adivinhar assim lá no raio que o parta.

Essa história foi contada por Jonas Cosme dos Santos.

Pedro, um discípulo reclamão

Certa vez quando Jesus caminhava com seu discípulo Pedro passaram perto de um pé de melancia e Pedro reclamou: - Mas Senhor uma fruta tão grande para um pé tão pequeno. Isto não está errado?

Mais na frente eles pararam para descansar debaixo de um pé de umbu e Pedro voltou a reclamar:

— Olha aqui Senhor uma fruta tão pequena para um pé tão grande. E então caiu um umbu bem no meio da testa de Pedro que reclamou de dor, e Jesus perguntou:

— Doeu Pedro?

Pedro um pouco triste respondeu:

— Sim, doeu senhor!

Jesus então falou:

— Imagine só se fosse um pé de melancia?!

Essa história foi contada por Maria Jacira da Conceição.

Pelé e Florzinha

Um dia eu, Zé Hilário, estava no roçado lá no lambedor cultivando para plantar feijão e Pelé me acompanhou, Pelé é o meu cachorro. Era por volta de 12h30min do dia, estava cansado e com fome resolvi tirar direto e só voltar para casa quando terminasse de cultivar, nem o boi tirei para comer e beber, quando olhei Pelé estava lá carreira a cima, carreira a baixo só escutei o grunido de Pelé, era como se tivesse uma pessoa dando cipoadas nele. Passou feito uma bala por mim eu apenas parei e fiquei escutando para ver se havia alguém, tirei o boi do cultivador e fui até o umbuzeiro cabeludo espiar se havia gente por ali, mas escutei apenas o assoviado da dona Florzinha.

Votei pro roçado e fui terminar de cultivar. Daí quando foi umas 04h00min botei o cultivador na carroça e o capim e foi embora. Quando cheguei em casa Rita estava muito brava virada num peido, pois achava ela que eu havia batido no Pelé, porque ele havia chegado em casa e entrou dentro do forno das panelas e ainda não tinha saído, eu disse a ela:

— Ele estava no umbuzeiro cabeludo e sofreu tinha sido a comadre Florzinha que lhe bateu.

Desse dia em diante Pelé nunca mais foi para o lambedor comigo.

Essa historia foi contada por José Hilário.

Tatu peixe

Dois compadres estavam pescando à noite no rio, quando um cochila um pouco bem na hora que um tatu passa ao lado dos dois. O que estava acordado consegue pegar o animal e decide tirar vantagem sobre isso. Daí ele coloca o animal na ponta do anzol a vara de pescar, joga no rio e começa a gritar para acordar o compadre:

— Nossa, esse é grande!!! Esse é grande!!!

O compadre acorda assustado e olhando a felicidade do outro comenta:

— Esse deve ser grande mesmo.

Quando ele tira o bicho da água o compadre diz:

— Oxente, mas você pegou tatu.

O outro vira para ele e diz:

— Ainda bem que você estava aqui pra ver senão ninguém acreditava! Esse é o terceiro que eu pego!.

Essa história foi contada por Erivonaldo dos Santos Cunha.

Um suicídio bem divertido

Naquele recanto do sertão um senhor chamado por Assis bem humorado, forte e vivido estava à espera de sua família que havia de chegar para uma visita.

Ao reencontra seu irmão, um homem que lhe admirava pelo seu espírito de homem do sertão procurava nunca perder o contato, já que ambos viviam distantes.

O senhor Assis um bom contador de historias havia de naquele momento ganhar mais uma regalia para sua coleção de fatos que estão guardados em sua mente desde pequeno. O seu irmão trazia consigo um anuncio de jornal que dizia assim:

Foi encontrado no bolso de um cadáver, quando se preparava para a autópsia a seguinte carta:

"Senhor Delegado do Ministério Publico,

Suicidei-me! Não culpe a ninguém pela minha sorte, deixei esta vida porque um dia a mais que vivesse acabaria por morrer louco. Eu explico-lhe senhor doutor:

Tive a desdita de me casar com uma viúva, a qual tinha uma filha, se soubesse isto jamais teria casado. Meu pai para maior desgraça era viúvo e quis a fatalidade de se enamorar e casar com a filha de minha mulher.

Resultou daí que a minha mulher se tornou sogra do meu pai. A minha enteada ficou a ser minha mãe e o meu pai ao mesmo tempo meu genro.

Após algum tempo a minha filha pôs no mundo uma criança que veio a ser meu irmão, porém neto da minha mulher fiquei a ser avô do meu irmão. Com o decorrer do tempo a minha mulher pôs também no mundo um menino que como irmão da minha mãe era cunhado do meu pai e tio do meu filho, passando a minha mulher a ser nora da própria filha. Eu, senhor delegado fiquei a ser pai da minha mãe, tornando-me irmão dos meus filhos, a minha mulher ficou a ser minha avó já que é mãe da minha mãe, assim acabei sendo avô de mim mesmo. Portanto, antes que a coisa se complicasse mais resolvi acabar com tudo uma vez só."

E em meio aquele ambiente alegre e descontraído, o sol caia e a noite chegava deixando a certeza de um novo dia.

Essa historia foi contada por Francisco Rodrigues de Araujo.

Um cachorro com os olhos de fogo

No sítio Areias de verão, município de Livramento, vivia um negrinho chamado Cascudo que morava numa cabana com sua mãe, vizinho a escola Georgina Josefa de Sousa.

A mãe sempre falava pra ele deixar de ser guloso, pois comia até a sombra de seu cachorro vermelhão. Vendo aquilo, o cachorro não suportava a mãe de Cascudo. Vermelhão tinha esse nome porque quando ficava com raiva saltava fogo dos olhos.

Num belo dia, vermelhão ficou com tanta raiva que queimou a cabana junto com a mãe de Cascudo. Ele não estava em casa e quando chegou da Sussuarana não acreditou no que via. Rogou uma praga para que o vermelhão morresse. E depois de um tempo ficou sem ter onde morar e vermelhão a cada dia ficava doente.

Numa quarta feira, quando voltava da feira de Livramento, um carro acabou atropelando vermelhão. Cascudo tinha um coração bom e vendo aquela cena foi ajudar o que acabou numa tragédia: a pampa virou, explodiu e o motorista morreu incendiado.

Conta-se que daí em diante quando é dia de feira aparece um cachorro enorme, vermelho e com três cabeças, queimando todo mundo que passa em alta velocidade em frente à escola. Já a meia-noite, quando é lua cheia, ele visita a vizinhança da escola, olhando se tem algum animal com fome, pois se tiver ele queima até os ossos virarem cinzas.

História contada por alunos das turmas do 2º e 3 º ano do Fundamental
da escola Georgina Josefa de Sousa

Um contador de anedota

Era uma vez um pobre homem muito alegre que chegou na casa do rei e começou contar anedota. O rei ficou observando e viu que era um contador de mentiras. Então resolveu lançar uma pena sobre aquele homem: ele teria que contar dose mentiras para surpreender dois sábios do seu reino e se por acaso ele não conseguisse iria morre na forca.

Quando chegou em casa o homem, viu a mulher e o filho de sete anos que estavam a lhe esperar para o jantar, mas ele entrou direto para o quarto, deitou e começou a chorar. A mulher e o filho perguntaram o que ele tinha, mas o homem não disse nada. O filho insistiu e ele acabou contando: disse que o rei, ao perceber que ele contava anedotas, desafiou a vir na casa para na presença de dois sábios, também contadores de anedotas, dizer doze mentiras e caso não conseguisse surpreender os dois sábios, ele ia morrer na forca. O filho o mandou dormir que resolveria o problema, mesmo assim o homem deitou-se com muito medo.

E na tarde do dia seguinte quando o rei chegou foi recebido pelo menino no terreiro que disse:

— Saiba senhor rei que papai tinha 112 cortiços no mato, foi contar as abelhas, tava faltando uma, então ele pegou o machado e foi para o mato atrás das abelhas. Chegou lá encontrou a abelha brincando com o leão, cortou a perna dela e foi mel que correu de riacho. Papai mais que depressa acendeu o cigarro, soltou o machado, correu em casa para pegar uma vasilha pra aproveitar o mel. Quando chegou com a vasilha, o fósforo que tinha riscado pra acender o cigarro queimou o machado e ficou só o cabo que ele levou pro ferreiro botar o machado. Em vez de o ferreiro botar o machado no cabo, botou o anzol. Papai pegou o anzol, botou a isca e foi pescar. Quando botou o anzol na água, o peixe o puxou e ele puxou de volta e ao invés de ser um peixe era uma burra. Então, senhor rei, o padre da vizinhança soube que papai tinha peado essa burra, tomou emprestada pra celebrar uma missa na casa do vizinho, papai emprestou, e sabe senhor rei, o padre só anda se balançando. Pisou a burra no espinhaço e ensinaram a papai que era bom colocar três caroços de fava que a burra ficava boa. Ai senhor rei, papai colocou os três caroços de fava e soltou-a no mato pra ficar boa. Ele esqueceu que tinha uma burra só lembrou um ano depois e foi procurá-la. Andou três dias e encontrou a burra com um chocalho de pau

e badalo de lã que se batesse numa brecha com 10 léguas se ouvia.

O rei admirado, falou para o menino:

— Vai pro inferno, tu desse tamanho, mente desse jeito, imagina teu pai!

O rei, do terreiro mesmo voltou, e o pai cheio de alegria abraçou o filho agradecido por ter lhe salvado, considerando o seu anjo da guarda.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa

Um mendigo pedindo esmolas

Certa vez, em uma pequena cidade se achava uma família com necessidade para sobreviver, era uma família muito pobre e não tinha o que comer.

Todos os dias o pai saía para procurar serviço, mas chegava a tardinha com a péssima notícia para a mulher e os filhos, que não tinha arranjado nem um bico.

Com o passar dos dias o homem se desesperou e ao amanhecer, vendo a mulher lamentar-se e seus filhos chorando pedindo pão, ele tomou uma decisão:

— Desse jeito não dar para continuar. Hoje mesmo vou sair por aí e pedir ajuda as pessoas do bairro, o que me derem irá me servir.

Saiu batendo de porta em porta e pedindo ajuda, muitas pessoas ajudaram, o homem voltou feliz e com um saco de feira que dava para um mês inteiro. No dia seguinte lá se foi o homem novamente. Mas acontece que ele foi bater nas mesmas portas. Quando de repente chegou a uma delas e:

— Ô de casa.

— Ô de fora.

— Senhora me dê uma ajuda, pois meus filhos estão passando necessidade e eu estou sem trabalho.

— Não tenho agora.

— Pode ser um quilo de feijão.

— Não tenho.

— Um pouco de arroz.

— Não tenho.

— Um pouco de açúcar ou café.

— Não tenho.

— Pois venha pedir esmola comigo.

História contada por Maria da Guia dos Santos.

e badalo de lã que se batesse numa brecha com 10 léguas se ouvia.

O rei admirado, falou para o menino:

— Vai pro inferno, tu desse tamanho, mente desse jeito, imagina teu pai!

O rei, do terreiro mesmo voltou, e o pai cheio de alegria abraçou o filho agradecido por ter lhe salvado, considerando o seu anjo da guarda.

Essa história foi contada por Juvino da Silva Barbosa

Vivo ou morto

Certa vez um ônibus que passava pela beira de um açude virou.

Nessa mesma hora passava por ali um homem numa carroça que viu todo o acidente e todas as pessoas mortas. Então ele decidiu enterrar todas dentro do açude.

Depois de três horas o delegado chegou e perguntou pro homem:

— O que aconteceu aqui?

O homem disse o acontecido e o delegado perguntou:

— Mas morreram todos?

O homem disse:

— Aí é que tá senhor delegado, tinha um dizendo que era o prefeito da cidade, mas sabe como é que é eu o enterrei assim mesmo, porque nunca se sabe quando um político está falando a verdade.

Essa história foi contada por Solon Guilherme Barbosa.

Pesquisadores das histórias


Adenilda G. dos Santos


Alexandre Bruno S. Leite


Bárbara da S. Andrade


Elisângela de Gouveia


Erivânia Cosmo da Cunha


Giselda Limeira de Sousa


José Rubens da Silva


Maria de Lourdes L. Sousa


Maria Jeovânia da C. Santos

Coordenadores do projeto


Joaci Fernades dos Santos


José Amadeus de Sales


Maria Aparecida J. da S. Campos


Pedro Pereira dos Santos


Vamberto G. de Olanda

Colaboradores

Prefeitura Municipal de Livramento – PB
Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Karoline Nóbrega Almeida.